



Ao Seu Nome

Volume 1

Bruce Anstey

AO SEU NOME

Perguntas & Respostas aos Congregados ao Nome do Senhor

Bruce Anstey

Título Original:

Questions Young People Ask Regarding the Ground of Gathering for Christians

Good Questions That Deserve Good Answers

Volumes 1 and 2

Bruce Anstey

Publicado originalmente por:

Christian Truth Publishing

Canadá

Citações bíblicas das versões Almeida Corrigida Fiel e Almeida Revista e Corrigida.

Tradução [Mario Persona](http://www.respondi.com.br)
www.respondi.com.br

Foto da capa: Andreas Krappweis
rgbstock.com/user/krappweis

APRESENTAÇÃO	4
INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1	9
PERGUNTA: João 12:32 diz que se levantarmos o Senhor em nossas reuniões todos serão atraídos a Ele. Se verdadeiramente temos o Senhor em nosso meio, por que tão poucos são atraídos? Por que entre nós há tão pouca bênção na pregação do evangelho?	9
<i>Deus abençoa a Sua Palavra onde quer que ela seja pregada.</i>	11

Existe mais gente nas igrejas denominacionais. 13

CAPÍTULO 2 15

PERGUNTA: Se professamos congregar no terreno do "um só corpo", por que assumimos uma posição de separação de todos os outros membros do corpo e não partimos o pão com eles? Isto parece totalmente inconsistente com a verdade do Novo Testamento, que apresenta a comunidade cristã como sendo uma família feliz com todos caminhando juntos em amor. A Bíblia ensina que deveríamos andar juntos em uma feliz unidade com nossos irmãos, não em separação deles. 15

As segundas epístolas insistem na separação em um dia de ruína. 16

A atitude correta na separação: humilhação. 19

CAPÍTULO 3 21

PERGUNTA: Mateus 18:20 e Lucas 22:7-10 indicam que o Espírito de Deus é o divino Reunidor, que Ele guia os cristãos ao lugar escolhido por Deus. Se a posição dos assim chamados "santos reunidos" é nesse terreno, por que há tão poucos? Ou trata-se de um problema com o poder o Espírito em reunir, ou talvez esse não seja o lugar ao qual Ele está guiando o povo. 21

Trata-se de um Testemunho Remanescente 24

Praticar Toda a Verdade é Impopular 33

A Mão de Deus em Juízo Governamental Pesa Sobre Nós 34

CAPÍTULO 4 35

PERGUNTA: Por que é tão errado alguns dentre os "santos reunidos" frequentarem as denominações de seus amigos cristãos? Afinal, eles também amam o Senhor! 36

1) *Seria hipocrisia apoiar algo que somos contra.* 36

2) *Seria aprovar a ordem denominacional que não tem base bíblica.* 37

3) *Perderíamos nosso poder como testemunhas da verdade da assemb.* 42

4) *Estariamos associando a mesa do Senhor com a ordem sem base bíblica existente nas igrejas.* 43

5) *Existe o perigo de acabar sendo levado para dentro das igrejas denominacionais.* 45

CAPÍTULO 5 50

PERGUNTA: Como podemos dizer que só existe um grupo de cristãos que estão corretamente congregados numa base divina, e que somente eles têm o Senhor em seu meio, quando existem tantos grupos de cristãos piedosos e devotados que se reúnem com motivos sinceros? Isto soa extremamente preconceituoso e sectário. 50

Deus deseja que o Seu povo seja um único testemunho. 51

Deus possui um terreno no qual Ele reúne os cristãos 53

Existe um divino 'Reunidor' que leva os crentes ao lugar escolhido por Deus 57

<i>A conclusão lógica das Escrituras</i>	60
<i>As divisões entre aqueles que mantêm a verdade da reunião</i>	64
<i>A verdade do único lugar não é uma nova doutrina</i>	68
<i>O centro de reunião de Deus na terra nos dias de hoje</i>	69
CAPÍTULO 6	70
PERGUNTA: Como este pode ser o lugar correto quando existe toda sorte de coisas erradas acontecendo? Há disputas, divisões, mundanismo etc. Se o Senhor estivesse verdadeiramente no meio Ele não permitiria que tais coisas acontecessem.	70
CAPÍTULO 7	77
PERGUNTA: Como uma decisão pode ser considerada “decisão de assembleia” quando muitos na assembleia não concordam com ela?	77
CAPÍTULO 8	84
PERGUNTA: O que fazer se uma assembleia tomar uma decisão injusta e errada?	84
CAPÍTULO 9	96
PERGUNTA: Por que no século 19 os irmãos recebiam todos os cristãos para partirem o pão, mas os irmãos de hoje não fazem o mesmo? A impressão que dá é que se desviaram da verdade e se tornaram sectários.	96
<i>Deve existir cuidado na recepção</i>	97
<i>Quem decide quem deveria estar em comunhão?</i>	98
<i>Os testemunhos pessoais não seriam suficientes?</i>	99
<i>Colocando a profissão de fé da pessoa à prova</i>	101
<i>Tiago 2:1-4 não é um modelo para a igreja</i>	104
CAPÍTULO 10	107
PERGUNTA: Vale a pena estar congregado ao nome do Senhor?.....	107

APRESENTAÇÃO

Originalmente algumas destas perguntas e respostas foram apresentadas pelo autor aos jovens em uma conferência em Denver, Colorado, em Setembro de 2009. Em razão do pouco tempo disponível na ocasião, não foi possível na ocasião responder a todas as perguntas contidas aqui de maneira mais detalhada. Portanto, esta publicação dá a oportunidade de expandir as observações feitas

naquela ocasião e tratar os assuntos com maior profundidade.

Nosso sincero desejo é que estas respostas às perguntas sobre estar congregado ao nome do Senhor venham a produzir um entendimento profundo desta verdade e uma apreciação maior por ela. Oramos também para que este livro possa despertar o desejo de se caminhar em conformidade com esta verdade. O Senhor valoriza cada cristão que precisou pagar um preço para estar identificado com o testemunho daqueles que estão congregados ao nome do Senhor em lugares onde esta verdade tão combatida tem sido ensinada e praticada. Muito em breve Ele irá recompensar cada um na mesma proporção. *"Eis que venho sem demora; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa"* Ap 3:11.

É com profundo amor e afeição por esses jovens que publicamos este livro.

Bruce Anstey

1 de novembro de 2009

AO SEU NOME

Perguntas & Respostas aos Congregados ao Nome do Senhor

Bruce Anstey

INTRODUÇÃO

Gostaria de abordar algumas das difíceis questões que muitos jovens enfrentam com respeito a estarem congregados ao nome do Senhor (Mt 18:20). Meu desejo é procurar esclarecer algumas dessas dúvidas para aqueles que estejam verdadeiramente buscando a verdade. Espero que o que tenho a dizer possa lhes dar uma compreensão maior dos princípios envolvidos no divino terreno de reunião que foi dado aos cristãos.

Para aqueles que cresceram nas assembleias dos chamados "santos reunidos" eu sei que a maioria dos pais possui uma grande consideração pela verdade de estarem congregados ao nome do Senhor. Eles colocam esta verdade logo depois daquela relacionada à salvação. Você provavelmente já os escutou dizer coisas como, "Conheço o Senhor Jesus como meu Salvador pessoal, e estou congregado ao Seu precioso nome". Desnecessário é dizer que eles creem que a assembleia é o único e verdadeiro modo de os cristãos congregarem. Eles também enten-

dem que a maneira como nos reunimos é contrária ao cristianismo corrente, e que esse caminho é estreito no que diz respeito à comunhão. Assim como eu, eles estão profundamente convencidos de que só existe uma forma correta e bíblica para os cristãos se reunirem para a adoração e o ministério -- e é isto que desejamos ardentemente comunicar a você. Queremos que você "compre a verdade" concernente à assembleia (Pv 23:23), buscando você mesmo por ela e verificando se essas coisas são verdadeiramente bíblicas (Atos 17:11). Nossa oração é que você venha a valorizar e andar de forma coerente com essas verdades, assim como também procuramos fazer.

Sei que muitos estão pesquisando este assunto, o que é bom, pois todos nós precisamos saber *a razão* de estarmos congregados ao nome do Senhor. Mas em todas as buscas que são feitas sei que alguns acabam ficando completamente confusos e com mais perguntas do que respostas. Talvez você tenha pesquisado as igrejas na cristandade evangélica e tenha ouvido falar de como são as coisas por lá, e depois compararam com a assembleia em sua singularidade e, desnecessário é dizer, acabaram ficando com várias dúvidas. Isso é perfeitamente compreensível.

Gosto de pensar que suas dúvidas sejam dúvidas boas e sinceras, e acredito que boas perguntas merecem boas respostas. Acho que todos nós concordamos que as únicas respostas boas e corretas estejam na Palavra de Deus. A última coisa de que você precisa é de ideias e opiniões humanas a respeito deste assunto. Portanto, o que desejo trazer aqui não são minhas próprias ideias e opiniões, mas princípios da Palavra de Deus que irão guiar seus pés. De nada serviria todo este exercício se você saísse dizendo: "O Bruce pensa isto...", "O Bruce pensa aquilo...". Não são os meus pensamentos que você procura,

mas a verdade da Palavra de Deus.

Além disso, não é meu objetivo aqui criticar os grupos cristãos que existem atualmente. Não estou aqui para denegrir meus irmãos em suas denominações na cristandade evangélica. Se alguém está contente em permanecer em sua denominação, isso não é assunto meu. A Bíblia diz: "*Subverter ao homem no seu pleito, não o veria o Senhor?*" (Lm 3:36). Portanto não estou aqui para tentar convencer alguém a abandonar suas convicções, independente de suas preferências eclesiais. Não tenho a intenção de coagir pessoa alguma a caminhar na senda que adotamos como congregados ao nome do Senhor, se essa pessoa não tiver fé ou convicção para isso. Ao contrário, meu objetivo é esclarecer alguns dos pontos que causam perplexidade e têm incomodado a muitos dos que estão sinceramente buscando por respostas sobre estarmos reunidos ao nome do Senhor.

Gostaria apenas de dizer que minha impressão é que a maioria das dúvidas surge por uma má compreensão da própria verdade, e pelo uso de um critério errado para julgar o que é certo e errado. Como resultado disso alguns ficam em um dilema perguntando-se se estão ou não no lugar correto. É claro que o único padrão para julgar isso é a verdade de Deus na Palavra de Deus.

Apenas mais uma coisa antes de começarmos: Procurarei dar o melhor de mim ao elaborar, com base na Palavra de Deus, as respostas a estas dúvidas, mas quero logo dizer que de nada adiantará se a sua vontade própria estiver no caminho e você não desejar a verdade. Portanto, espero que todos nós tenhamos o mesmo espírito de Davi, que disse: "*Ensina-me, SENHOR, o teu caminho, e guia-me pela vereda direita*" (Sl 27:11). Um espírito que se deixa ensinar é o que o Senhor deseja para nós. O que estou dizendo é que precisamos ter um correto estado de espí-

rito se quisermos aproveitar este exercício. Se estivermos sinceramente buscando a verdade, creio que o Senhor irá usar a Sua Palavra para nos guiar. Ele disse: "*Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina*" (Jo 7:17). A condição colocada nesta promessa de conhecer a verdade é querer fazer a vontade dEle. O Senhor não está interessado em nos ensinar a Sua vontade se não tivermos o desejo de colocá-la em prática. Portanto, precisamos ter isto bem claro em nosso coração, que *faremos* a vontade de Deus, seja ela qual for, mesmo que ela entre em rota de colisão com nossas próprias ideias. Estarmos desejosos de fazer a Sua vontade é a melhor escolha, ainda que possa ser dolorosa. Esta promessa do Senhor é tão verdadeira agora como foi quando Ele a deu -- se você tiver o desejo de fazer a vontade do Senhor "*conhecerá a respeito da doutrina*".

Tendo diante de nós tal promessa, e a Palavra de Deus em nossas mãos, vamos verificar algumas destas dúvidas agora mesmo, e esperar que o Senhor nos dê as respostas.

* * * * *

CAPÍTULO 1

PERGUNTA: João 12:32 diz que se levantarmos o Senhor em nossas reuniões todos serão atraídos a Ele. Se verdadeiramente temos o Senhor em nosso meio, por que tão poucos são atraídos? Por que entre nós há tão pouca bênção na pregação do evangelho?

Vamos abrir nesta passagem em João 12 e ler os versículos 31 e 32: *"Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo. E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim"*.

Antes de tentar responder à sua pergunta, é preciso entender que esta passagem *não fala* do testemunho do evangelho neste tempo de graça. O contexto do capítulo é o reino milenial de Cristo. O Senhor tinha vindo a Jerusalém e estava sendo recebido pela multidão, que clamava: *"Hosana! Bendito o Rei de Israel que vem em nome do Senhor"* (vers. 13). O povo esperava que Ele estabelecesse o reino e reinasse em poder e glória. Os gentios são também mencionados como tendo ido à festa para adorar, o que é outro importante aspecto do reino milenial (Zc 2:11; Is 14:1; 56:6; Sl 47:9; 72:10-11). O Senhor viu que, para que tudo isso se cumprisse, Ele deveria cair na terra e morrer, tal qual o *"grão de trigo"* (vers. 24). Morrendo, Ele daria *"muito fruto"*. A verdade é que esta era a verdadeira razão de Ele ter vindo *"a esta hora"* (vers. 27-30). Mas, se Ele fosse *"levantado"* sobre a cruz em rejeição, sua promessa era de que haveria um dia quando Ele atrairia a Si todas as nações no Milênio. O mundo estava prestes a crucificar o Senhor, mas ao fazê-lo, estaria condenando a si mesmo. Por isso o Senhor disse: *"Agora é o juízo deste mundo"*.

Portanto, esta passagem não está falando de crentes *"levantando"* o Senhor no testemunho evangelístico, mas de incrédulos que O levantariam na cruz em escárnio. O versículo seguinte (33) confirma isto. Ali diz: *"E dizia isto, significando de que morte havia de morrer"*. Além disso, o fato de atrair *"todos"* a Si, que é o que diz aqui, não se refere necessariamente a crentes. No Milênio, quando todas as nações da terra se posicionarem ao lado do Senhor, muitos nem sequer terão fé. A passagem não pode-

ria estar se referindo às campanhas evangelísticas que hoje ocorrem na cristandade evangélica, pois mesmo as maiores e mais bem sucedidas campanhas não chegam sequer perto de atrair "*todos*" ao Senhor.

Entendo que isto não responda à sua pergunta, mas achei ser importante sabermos que a passagem citada na pergunta não está se referindo a campanhas evangelísticas. E acredito que entendi perfeitamente sua pergunta: Você está querendo saber a razão de vermos tanta bênção nas denominações religiosas e não encontrarmos o mesmo entre nós, apesar de estarmos reunidos da forma correta e eles não. É uma boa pergunta e merece uma boa resposta.

RESPOSTA: O problema está em considerarmos o sucesso no testemunho do evangelho como evidência de um grupo de cristãos estar ou não congregado no terreno eclesiástico correto. É um erro pensarmos assim. É perfeitamente compreensível que alguém tenha tal ideia. Você poderia pensar que se Deus aprova algo Ele irá Se identificar com isso em poder e a Sua bênção será derramada sobre isso para que todos vejam. Mas as coisas não são necessariamente assim.

Acredito que exista uma boa razão para ocorrerem muitas bênçãos na pregação do evangelho nas igrejas evangélicas em nossos dias, e relativamente poucos resultados entre aqueles congregados ao nome do Senhor.

Deus abençoa a Sua Palavra onde quer que ela seja pregada.

Primeiro, Deus abençoa a Sua Palavra onde quer que ela seja pregada. Paulo disse a Timóteo: "*A palavra de Deus não está presa*" (2 Tm 2:9). Naquela ocasião Paulo estava

numa prisão. Seus trabalhos tinham sido motivo de bênção por vários anos, mas agora ele tinha sido colocado de lado. Todavia, ele estava confiante de que a bênção continuaria a ser derramada por meio do evangelho, mesmo que o próprio Paulo estivesse preso. Ele sabia que Deus poderia usar outros, e iria fazê-lo, na disseminação do evangelho. Ele entendia que o Senhor não precisava dele para propagar a mensagem, mesmo que Deus o tivesse usado no passado para fazer aquele trabalho. Quem quer que fosse suficientemente diligente para sair levando a Palavra de Deus cedo ou tarde colheria os resultados da pregação do evangelho. O Senhor disse: *"Assim será a minha palavra, que sair da minha boca; ela não voltará para mim vazia, antes fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a enviei"* (Is 55:11). Os que estão nas denominações têm sido diligentes naquilo que Paulo exortou Timóteo a fazer -- *"Que pregues a palavra"* (2 Tm 4:2) -- e Deus está abençoando a Sua Palavra. Por esta razão existe bênção em muitas denominações. Deveríamos estar gratos por cada esforço que é feito entre os cristãos na propagação das boas novas, e orar para que o resultado disso seja uma grande colheita de almas. Não devemos pensar que a bênção no evangelho que é pregado pela Palavra de Deus fique restrita a um grupo de cristãos; os santos congregados ao nome do Senhor não têm o monopólio da pregação da Palavra de Deus.

Todavia, seria um erro acharmos que a bênção obtida na pregação do evangelho seja prova de que as denominações estejam eclesiasticamente corretas. Alguém poderia olhar para as várias organizações eclesiásticas e pensar: "Deus deve aprovar essas denominações, pois Ele as está usando para salvar pessoas". Pode *parecer* que Deus esteja usando as igrejas evangélicas na cristandade, mas não são essas organizações feitas por homens que Ele está usando. Deus está usando a Sua Palavra. Como já dis-

se, Deus pode e usa a Sua Palavra para bênção *onde quer que ela seja ministrada*. Se um assim chamado Pastor ou Ministro prega a Palavra de Deus para sua audiência, o Espírito de Deus tomará a Palavra de Deus e a aplicará nas almas e estas serão salvas. É inegável que as pessoas estejam sendo salvas nesses lugares. Mas isto não significa que Deus aprove a ordem denominacional inventada pelos homens. Uma pessoa poderia levar a Palavra de Deus em um lugar impróprio, como um bar, e mesmo assim o Espírito usar essa Palavra para a salvação de alguém. Mas nós não nos atreveríamos a dizer que Deus estaria usando os bares! A existência das denominações não pode ser assim justificada. (Não estou colocando as denominações e os bares em um mesmo nível, mas apenas ilustrando minha opinião de que Deus pode usar a Sua Palavra em qualquer lugar).

Trata-se de um fato: Deus abençoa a Sua Palavra *onde quer que ela seja pregada*, e por *quem quer que ela seja pregada*. No capítulo 1 da carta aos Filipenses Paulo fala de alguns que estavam pregando a Palavra com uma motivação errada, e mesmo assim Deus a estava abençoando! Mais uma vez, isto não significa que Deus aprove os servos que pregam com segundas intenções, mas simplesmente demonstra que a Sua Palavra será de bênção onde e por quem quer que seja pregada, até mesmo por uma pessoa em um estado de espírito completamente errado.

Existe mais gente nas igrejas denominacionais.

A segunda razão de existirem mais resultados observáveis da pregação do evangelho nas igrejas evangélicas do que entre os santos congregados ao nome do Senhor é porque existe um número maior de pessoas nessas igrejas que estão engajadas no trabalho evangelístico. O Sal-

mo 68:11 diz: "O Senhor deu a palavra; **grande** era o exército dos que anunciavam as boas novas". Enfatizo a palavra "grande" neste versículo porque um número maior de pessoas envolvidas em um trabalho geralmente alcançam maiores resultados. É simples de entender: aqueles nas denominações têm mais gente envolvida e naturalmente obtêm mais resultados. Os que estão nas igrejas evangélicas devem ser vistos como exemplo de diligência no trabalho evangelístico. Na verdade eles nos fazem ficar envergonhados.

Sei que os resultados dos quais ouvimos falar nas denominações são espantosos, mas os mesmos números podem nos enganar. Deixe-me dar um exemplo. Um amigo contou que em sua igreja não passa uma semana sem que pelo menos uma pessoa seja salva! Perguntei a ele quantas pessoas há em sua igreja e se não me falha a memória ele disse que por volta de 3500. Para facilitar um cálculo, vamos supor, a título de ilustração, que este número fosse 5000. Isto significa cinco mil pessoas envolvidas para que cerca de 50 pessoas sejam salvas todos os anos, já que existem 52 semanas no ano. Mas suponha que tirássemos um zero do número de membros dessa congregação e existissem apenas 500 pessoas ali. Quantos seriam salvos por ano neste caso? Usando a mesma proporção, cinco. Se tirarmos outro zero daquele número teríamos apenas 50 pessoas naquela igreja, o que é mais ou menos o tamanho da maioria das assembleias dos irmãos congregados ao nome do Senhor. Quantas pessoas seriam salvas por ano usando a mesma média? Bem, meia pessoa, ou uma pessoa a cada dois anos.

Vistos deste ângulo os números não parecem tão intimidadores. Sua taxa de sucesso em relação ao número de pessoas não é muito melhor do que aquilo que acontece entre os santos congregados ao nome do Senhor. Portan-

to, na próxima vez em que alguém me disser que a cada semana uma pessoa é salva em sua *mega-igreja*, vou dizer: "Só isso? Com tanta gente ali era de se esperar que tivessem um resultado melhor do que esse!". Sendo assim, não nos deixemos levar por estatísticas. Nossa primeira responsabilidade é fazermos a vontade de Deus e deixarmos os resultados com Ele. Quando o assunto é o evangelho, é Deus quem dá o "*crescimento*" na seara das almas (1 Co 3:6).

Gostaria apenas de acrescentar que se você estiver seriamente preocupado com os tristes resultados da obra evangelística entre nós talvez devesse pensar em se envolver nela. É comum que aqueles que criticam essa fraqueza sejam os mesmos que parecem fazer muito pouco a respeito.

* * * * *

RESUMINDO: Existe mais bênção no trabalho evangelístico nas igrejas evangélicas do que entre os santos congregados ao nome do Senhor porque Deus abençoa a Sua Palavra onde e por quem quer que ela seja pregada, e as pessoas nas denominações têm sido mais diligentes do que nós neste trabalho. Além disso, existe nesses lugares um número maior de pessoas engajadas neste trabalho e estatisticamente isto leva a maiores resultados.

* * * * *

CAPÍTULO 2

PERGUNTA: Se professamos congregar no terreno do "um só corpo", por que assumimos uma

posição de separação de todos os outros membros do corpo e não partimos o pão com eles? Isto parece totalmente inconsistente com a verdade do Novo Testamento, que apresenta a comunidade cristã como sendo uma família feliz com todos caminhando juntos em amor. A Bíblia ensina que deveríamos andar juntos em uma feliz unidade com nossos irmãos, não em separação deles.

RESPOSTA: O problema aqui é que a pessoa que faz tal pergunta não leva em consideração onde estamos na história da igreja. Sete dentre os oitos escritores do Novo Testamento nos dizem que nos últimos tempos haveria um abandono em massa da *"fé que uma vez foi dada aos santos"* (At 20:19-30; 1 Tm 4:1; 2 Tm 3:1-5; 4:3-4; Jd 3-4). Por isso é importante ter uma compreensão dos tempos e do dia em que vivemos. Não estamos nos tempos pentecostais, e nem mesmo em tempos de grande reavivamento; estamos nos *"últimos dias"* da história da igreja na terra (2 Tm 3:1), e o testemunho cristão sofre de uma ruína irremediável.

As segundas epístolas insistem na separação em um dia de ruína.

Havendo estabelecido este fato posso dizer que Deus certamente gostaria que todos os que pertencem ao Seu povo andassem juntos na prática, como uma só família. Mas Ele também nos disse que quando o testemunho cristão se corrompesse e a ruína tomasse conta deveríamos aplicar a verdade ulterior do Novo Testamento, a qual nos foi dada nas segundas epístolas. Estas epístolas falam da ru-

ína que se introduziria na profissão cristã e ensinam como o crente deve agir em relação a isso. Alguém que faça esta pergunta está lendo sua Bíblia sem verificar as segundas epístolas.

Há duas coisas que ficam claras em cada uma das segundas epístolas: primeiro, a evidência do abandono do verdadeiro cristianismo em suas doutrinas e práticas; segundo, a importância de o crente separar-se do erro e da corrupção -- não apenas individualmente, mas também coletivamente.

- A segunda epístola aos Coríntios lida com um movimento mundano entre eles, o qual estava corrompendo sua doutrina e prática. A resposta a isso é: *"Saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e eu vos receberei"* (2 Co 6:17).
- A segunda epístola aos Tessalonicenses lida com um movimento que havia se introduzido e negava a vinda do Senhor e outros eventos escatológicos (proféticos). A resposta a isso é *"que vos aparteis de todo o irmão que anda desordenadamente, e não segundo a tradição que de nós recebeu"* (2 Ts 3:6).
- A segunda epístola a Timóteo lida com ensinamentos doutrinários errôneos e corrupções profanas que estavam se introduzindo na casa de Deus. A exortação aqui é: *"Todavia o fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: O Senhor conhece os que são seus, e qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade. Ora, numa grande casa não somente há vasos de ouro e de prata, mas também de pau e de barro; uns para honra, outros, porém, para desonra. De sorte que, se alguém se purificar destas coisas, será vaso para honra, santificado e idôneo para uso do Senhor, e preparado para toda a boa obra"* (2 Tm 2:19-21).

- A segunda epístola de Pedro lida com o inevitável abandono da piedade prática e alerta o crente: "*Guardai-vos de que, pelo engano dos homens abomináveis, sejais juntamente arrebatados, e descaiais da vossa firmeza*" (2 Pe 3:17).
- A segunda epístola de João fala do quão sério é abandonar a doutrina da Pessoa de Cristo. Ele nos admoesta a nos mantermos separados daqueles que ensinam tais erros, chegando ao ponto de dizer que não devemos nem sequer recebê-los em nossa casa. Na verdade, nos é dito para nem mesmo "*saudar*" essas pessoas (2 Jo 8-11).

Voltamos a dizer que Deus deseja que todos os membros do corpo de Cristo estejam juntos em comunhão prática (Ef 4:1-16). Este é o ideal de Deus. Mas já que a ruína se espalhou por todo o testemunho cristão, a Palavra de Deus (nas segundas epístolas) indica que devemos assumir uma posição de separação da desordem. A segunda epístola a Timóteo 2:19-21 é particularmente útil em nos guiar nestes tempos difíceis. Ela indica que devemos nos desassociar de tudo na casa de Deus que esteja manchado com erro, afastando-nos dessas coisas. Isto inclui qualquer tipo de erro, seja doutrinal, moral ou eclesiástico.

Como foi mencionado, as segundas epístolas servem para modificar a aplicação da verdade dada nas outras epístolas. Não é o caso de a Palavra de Deus estar se contradizendo, mas sim de indicar outra forma de agir para quando chegassem os tempos de ruína. Para ilustrar este ponto suponha que você trabalhasse em uma grande fábrica ou indústria onde existissem instruções específicas para serem seguidas no desempenho normal da função. Mas, se surgissem determinados problemas, você receberia um diferente conjunto de instruções para serem seguidas em caso de emergência. É assim também quando

as Escrituras ensinam quanto ao modo de agir no dia de ruína. Há certas instruções dadas nas segundas epístolas que modificam a aplicação dos princípios apresentados no ensino das outras epístolas. Elas não invalidam a verdade das outras epístolas, mas alteram a senda do crente nas questões eclesiásticas da cristandade. Toda a verdade de Deus pode ser praticada hoje, porém ela deve ser praticada em separação da confusão. Por exemplo, ainda podemos nos reunir no terreno do *"um só corpo"* (Ef 4), mas não podemos colocar isto em prática com todos os membros do corpo, como Deus inicialmente planejou.

A atitude correta na separação: humilhação.

Havendo assumido esta posição de separação na casa de Deus, devemos nos guardar o tempo todo do orgulho que pode surgir em nosso coração. Devemos tomar cuidado para não sermos levados a nos considerarmos melhores ou mais fiéis do que aqueles de quem nos separamos. O Senhor não aprovará uma atitude do tipo *"sou mais santo do que tu"* (Is 65:5). A atitude correta é de humilhação. J. N. Darby disse que *"se alguém falar em separação do mal, sem estar humilhado, é bom ter cuidado porque tal posição não passa da mesma que em todas as épocas deu origem às seitas"*. O espírito adequado a alguém que se purifica da confusão na casa de Deus é o de juízo próprio, não de justiça própria.

A separação na casa de Deus é dolorosa, pois implica separar-se de muitos verdadeiros crentes que não estão conscientes de suas associações com a corrupção. Algo assim deveria cortar nosso coração, pois amamos a todos os nossos irmãos. Todavia, a obediência à Palavra de Deus deve ter prioridade sobre todas as nossas preferências pessoais. Na verdade a obediência neste aspecto é uma prova de nosso amor para com nossos irmãos. *"Nis-*

to conhecemos que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos" (1 Jo 5:2). Os que estão congregados ao nome do Senhor assumem esta posição de separação na cristandade por estar em conformidade com a Palavra de Deus.

Muitos acham que a solução esteja em permanecer na confusão e tentar consertar os erros da cristandade, mas isto está claramente em desacordo com a Palavra de Deus. Quando o "*joio*" foi semeado entre o "*trigo*", o pai de família disse aos seus servos que não tentassem consertar o problema, mas que deixassem "*crescer ambos juntos até à ceifa*" -- a qual é "*o fim do mundo*" ou "*a consumação do século*" -- e então o próprio Senhor cuidaria disso (Mt 13:24-30). Felizmente o Senhor não deixou tal "*fardo*" de responsabilidade sobre o Seu povo (Ap 2:24-25). A solução é nos mantermos à parte da confusão e do erro, separando-nos deles. A segunda epístola a Timóteo 2:22 indica que Deus nos dará alguns com os quais possamos caminhar nesta senda de separação. É isto que os congregados ao nome do Senhor estão fazendo quando se reúnem para adoração e ministério em separação.

Conhecemos uma querida irmã no Senhor cuja denominação está passando por uma reviravolta. O ministro ali nega a inspiração das Escrituras, o nascimento virginal de Cristo e Sua ressurreição. Ele também ensina que existem muitas maneiras de se salvar e aceita o casamento de homossexuais na igreja, além de ter abandonado sua própria esposa. Mostramos a esta irmã que a Palavra de Deus ensina que ela deveria separar-se daquela denominação, mas ela acha que seria errado separar-se por ter frequentado aquela igreja toda a sua vida. Porém, quanto mais tempo ela ficar ali, mais frustrada e envergonhada se sentirá. Se ela fizesse o que a Palavra indica talvez ou-

tros pudessem ter o mesmo exercício de se separarem, mas o fato de ela permanecer em comunhão ali anula qualquer poder que ela gostaria de ter em seu testemunho individual. A intenção dela pode ser boa, mas não é o caminho de Deus para o crente que deseja ser fiel.

* * * * *

RESUMINDO: Os santos reunidos ao nome do Senhor ocupam uma posição de separação da confusão religiosa e do erro na cristandade porque a Palavra de Deus (as segundas epístolas) nos admoestam a fazer isso. Esta é a única posição bíblica a ser tomada quando a ruína do testemunho cristão é irremediável.

* * * * *

CAPÍTULO 3

PERGUNTA: Mateus 18:20 e Lucas 22:7-10 indicam que o Espírito de Deus é o divino Reunidor, que Ele guia os cristãos ao lugar escolhido por Deus. Se a posição dos assim chamados “santos reunidos” é nesse terreno, por que há tão poucos? Ou trata-se de um problema com o poder o Espírito em reunir, ou talvez esse não seja o lugar ao qual Ele está guiando o povo.

O problema aqui é que adotamos o número de pessoas em um grupo de cristãos como o padrão de medida. Nossa ideia é que se existir muita gente, então esse deve ser o lugar ao qual o Espírito de Deus está guiando as pessoas,

mas este é um critério falso para julgar o verdadeiro terreno de reunião.

De onde será que tiramos a ideia de que quanto mais, melhor? Este é um princípio mundano que encontramos em todas as esferas da vida aqui -- nos negócios, nos esportes etc. Todavia tal ideia não deveria ter lugar na igreja de Deus. Não lemos nas Escrituras que existiriam grandes grupos de crentes fiéis nos últimos dias. A Bíblia indica que nos últimos dias aumentaria o número de homens maus -- e não de homens fiéis (2 Tm 3:13). É esta a grande diferença entre a primeira e a segunda epístola a Timóteo. Em 1 Timóteo a massa da profissão cristã é vista caminhando bem, embora alguns poucos indivíduos tivessem se desviado para o erro. Em 2 Timóteo (que descreve os últimos dias) ocorre exatamente o oposto; a massa é vista indo mal, e existem apenas alguns poucos indivíduos seguindo fielmente. Na verdade as Escrituras mostram que os únicos grupos que são descritos como grandes nos últimos dias são os movimentos heréticos! Por exemplo, 2 Pedro 2:1-2 diz: *“E também houve entre o povo falsos profetas, como entre vós haverá também falsos doutores, que introduzirão encobertamente heresias de perdição, e negarão o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina perdição. E muitos seguirão as suas dissoluções, pelos quais será blasfemado o caminho da verdade”*. Não estou dizendo que todos os grandes grupos de cristãos existentes hoje na cristandade evangélica ensinem doutrinas reprováveis, mas que se grandes números fossem um sinal de se estar certo, então a Igreja Católica seria o lugar correto -- eles reúnem mais pessoas que qualquer outra denominação. Certamente não podemos ser ingênuos.

Deus não está ocupado com o aumento em números tanto quanto nós. Você já reparou que nas Escrituras quan-

do números são mencionados sempre é dito algo como “**quase três mil almas**” ou “**quase cinco mil**” (At 2:41; 4:4)? Mesmo na contagem de um número pequeno, diz “**uns doze homens**” (At 19:7). Deus está nos mostrando que não deveríamos ficar ocupados com o número de pessoas envolvidas em Seu testemunho -- o qual, por sinal, foi o pecado de Davi (2 Sm 24:1).

Uma frase que se costuma dizer é “Nossa igreja está crescendo”. O que se pretende dizer é que o número de pessoas naquele grupo em particular está aumentando. Ora, todos nós gostaríamos de ver isso acontecer, mas nas Escrituras o crescimento é usado para denotar o desenvolvimento espiritual na alma, e não para o tamanho numérico de um grupo de cristãos. Suponha que eu estivesse em uma reunião que tivesse 50 cristãos reunindo-se regularmente para adoração e ministério, e visse que não havia muito interesse ali. Eles estariam mais interessados em esportes, em suas casas etc. Embora eu pudesse estar grato por vê-los reunidos, sairia dizendo a mim mesmo: “Gostaria de ver um pouco mais de devoção ali”. Então, após um ano, suponha que eu voltasse àquele mesmo grupo de 50 crentes e imediatamente notasse uma mudança evidente. Eu os veria realmente ocupados com as coisas de Deus, fazendo muitas perguntas e ficando juntos após as reuniões para terem comunhão uns com os outros. Seu entendimento e maturidade na verdade teriam definitivamente progredido. Apesar de não terem acrescentado uma pessoa sequer, eu poderia dizer que eles realmente tinham crescido! Esta é a maneira como o crescimento é usado nas Escrituras.

Quando ficamos ocupados com números sempre existe a tentação de comprometermos os princípios para acrescentarmos mais gente. Por exemplo, poderíamos conseguir mais pessoas em nossas reuniões se anunciássemos

que uma banda de rock iria se apresentar ali. Mas não vamos fazer tal coisa, pois devemos servir em conformidade com os princípios da Palavra de Deus, se quisermos contar com a aprovação do Senhor (2 Tm 2:5).

Acredito não ter ainda respondido à pergunta, portanto vamos buscar algumas passagens que têm a ver com o assunto.

RESPOSTA: Existem muitos milhares de pessoas congregadas ao nome do Senhor nos dias de hoje, mas relativamente falando há poucos em comparação com a grande massa de crentes em todo o mundo. Creio que há pelo menos três razões para o pequeno tamanho deste testemunho.

Trata-se de um Testemunho Remanescente

A primeira razão pela qual os “santos reunidos” são relativamente poucos em número é que hoje é o dia das coisas pequenas. Zacarias 4:9-10 diz: *“As mãos de Zorobabel têm lançado os alicerces desta casa; também as suas mãos a acabarão, para que saibais que o SENHOR dos Exércitos me enviou a vós. Porque, quem despreza o dia das coisas pequenas?”*. Os tempos nos quais Zacarias foi chamado a viver eram dias de um testemunho remanescente. Naquela época o Senhor havia permitido que o Seu povo fosse levado para a Assíria (2 Reis 17:6) e para a Babilônia (2 Reis 24-25), e apenas um remanescente deles foi deixado no divino centro em Jerusalém. Uma das características de um testemunho remanescente é que ele é de *“coisas pequenas”*, já que a maioria do povo de Deus não estava ali para participar do privilégio de estarem no centro divino. Vivemos dias de um testemunho remanescente na história da igreja, e não podemos esperar que venha a existir grandes números de pessoas reunidas ao

nome do Senhor do modo como Deus queria fazer no princípio.

Creio ser de extrema importância entender o que significa um “testemunho remanescente” -- portanto deixe-me explicar com mais detalhes. Um grande princípio sobre o qual Deus age, quando falha aquilo que foi confiado aos homens em testemunho, é que Ele reduz seu tamanho, poder, glória e número, e daí para frente o conduz na forma de um remanescente. Ele não se identifica com aquele testemunho em poder e glória como no princípio, quando foi estabelecido. Se Ele fizesse assim, pareceria aos olhos do mundo que Ele estaria aprovando seu estado caído e arruinado. Ao invés disso, Ele se recolhe em Seu poder e graça soberanos para manter Seu testemunho -- mas em um modo remanescente. A palavra “remanescente” significa uma pequena parte do todo. Portanto a própria natureza de um testemunho assim é seu pequeno tamanho. Se todo o povo de Deus estivesse ali participando dele não seria um remanescente. Deus agiu sobre este princípio com Israel no passado; Ele irá fazer o mesmo outra vez com o remanescente judeu em um dia vindouro; e Ele está fazendo isso com o testemunho cristão hoje.

Para enxergar com maior clareza este princípio na Palavra de Deus vamos abrir em Deuteronômio 12:5-7: *“Mas o lugar que o SENHOR vosso Deus escolher de todas as vossas tribos, para ali por o seu nome, buscareis, para sua habitação, e ali vireis. E ali trareis os vossos holocaustos, e os vossos sacrifícios, e os vossos dízimos, e a oferta alçada da vossa mão, e os vossos votos, e as vossas ofertas voluntárias, e os primogênitos das vossas vacas e das vossas ovelhas. E ali comereis perante o SENHOR vosso Deus, e vos alegrareis em tudo em que puserdes a vossa mão, vós e as vossas casas, no que*

abençoar o SENHOR vosso Deus”. Isto mostra claramente que o desejo original de Deus era que todo o Seu povo estivesse reunido para adoração naquele único lugar de Sua escolha, o qual era Jerusalém.

Agora vamos abrir em 1 Reis 11:9-13: “Pelo que o SENHOR se indignou contra Salomão; porquanto desviara o seu coração do SENHOR Deus de Israel, o qual duas vezes lhe aparecera. E acerca deste assunto lhe tinha dado ordem que não seguisse a outros deuses; porém não guardou o que o SENHOR lhe ordenara. Assim disse o SENHOR a Salomão: Pois que houve isto em ti, que não guardaste a minha aliança e os meus estatutos que te mandei, certamente rasgarei de ti este reino, e o darei a teu servo. Todavia nos teus dias não o farei, por amor de Davi, teu pai; da mão de teu filho o rasgarei; Porém todo o reino não rasgarei; uma tribo darei a teu filho, por amor de meu servo Davi, e por amor a Jerusalém, que tenho escolhido”.

Então, nos versículos 29-36, diz: “Sucedeu, pois, naquele tempo que, saindo Jeroboão de Jerusalém, o profeta Aías, o sionita, o encontrou no caminho, e ele estava vestido com uma roupa nova, e os dois estavam sós no campo. E Aías pegou na roupa nova que tinha sobre si, e a rasgou em doze pedaços. E disse a Jeroboão: Toma para ti os dez pedaços, porque assim diz o SENHOR Deus de Israel: Eis que rasgarei o reino da mão de Salomão, e a ti darei as dez tribos. Porém ele terá uma tribo, por amor de Davi, meu servo, e por amor de Jerusalém, a cidade que escolhi de todas as tribos de Israel. Porque me deixaram, e se encurvaram a Astarote, deusa dos sidônios, a Quemós, deus dos moabitas, e a Milcom, deus dos filhos de Amom; e não andaram pelos meus caminhos, para fazerem o que é reto aos meus olhos, a saber, os meus estatutos e os meus juízos, como Davi,

seu pai. Porém não tomarei nada deste reino da sua mão; mas por príncipe o ponho por todos os dias da sua vida, por amor de Davi, meu servo, a quem escolhi, o qual guardou os meus mandamentos e os meus estatutos. Mas da mão de seu filho tomarei o reino, e darei a ti, as dez tribos dele. E a seu filho darei uma tribo; para que Davi, meu servo, sempre tenha uma lâmpada diante de mim em Jerusalém, a cidade que escolhi para por ali o meu nome”.

Depois, no capítulo 12:22-24, diz: *“Porém veio a palavra de Deus a Semaías, homem de Deus, dizendo: Fala a Roboão, filho de Salomão, rei de Judá, e a toda a casa de Judá, e a Benjamim, e ao restante do povo, dizendo: Assim diz o SENHOR: Não subireis nem pelejareis contra vossos irmãos, os filhos de Israel; volte cada um para a sua casa, porque eu é que fiz esta obra”.*

Vemos que, apesar de ter sido o desejo de Deus ter todo o Seu povo reunido em Jerusalém para oferecer seus sacrifícios (Dt 12), uma vez que a ruína tomou lugar, Ele não queria mais continuar o Seu testemunho em Seu divino centro no mesmo poder e glória que tinha no princípio. Salomão e os filhos de Israel haviam falhado e se desviado do Senhor para a idolatria (1 Reis 11:10-11, 33), e isso fez com que o Senhor mudasse o modo de tratá-los. Ele iria reduzir o tamanho, poder e glória de Seu testemunho em Israel e daí em diante levá-lo como um *“restante”* ou *“remanescente”*. Esta é a primeira vez nas Escrituras que a palavra é usada em conexão com o testemunho público do povo de Deus. É importante observar a regra da *“primeira vez”* na Bíblia, isto é, quando algo é primeiramente usado nas Escrituras isso costuma dar o sentido de como será usado daí em diante em outras passagens. Portanto, faremos bem em prestar atenção ao que é dito aqui. O princípio de um testemunho remanescente é desenvolvi-

do em mais detalhes em Esdras e Neemias, e nos escritos dos profetas Ageu, Zacarias e Malaquias. Todavia, usei a passagem de 1 Reis por ela estabelecer o princípio de forma clara e simples.

O que é importante reparar aqui é que ocorreu uma evidente mudança no modo de Deus agir em meio ao fracasso. Ele removeu dez das tribos do centro divino e manteve apenas *“uma tribo”* ali -- um remanescente. Não se trata de uma contradição dos princípios de Deus, mas de uma mudança em sua forma de agir quando a ruína é generalizada.

Ora, você poderia dizer: “Posso ver este princípio no modo de Deus agir com Israel no Antigo Testamento, mas poderia isto ser aplicado àqueles que vivem na época do Novo Testamento? Será que existe realmente algo como um testemunho remanescente na igreja?”. Sem dúvida alguma a resposta é sim. Você encontra isto na passagem que vimos em 2 Timóteo 2:19-22. Ali Deus encoraja os crentes exercitados a se separarem da mistura existente na casa de Deus e a se recolherem a uma posição remanescente *“com os que, com um coração puro, invocam o Senhor”*.

Mas para ver isto mais claramente, abra agora em Apocalipse, capítulos 2 e 3. Estes capítulos trazem um esboço da história profética da igreja desde os primeiros dias, logo após os apóstolos, chegando até os últimos dias. Se seguirmos o curso de eventos apresentados nessas mensagens às sete igrejas veremos um declínio no testemunho cristão, até que finalmente chega-se a um ponto em que não há retorno, o que leva o Senhor a agir sobre o princípio de um testemunho remanescente.

Em Éfeso aprendemos que *“o anjo da igreja”* (os líderes responsáveis) julgava corretamente tudo o que fosse inconsistente com Senhor. Ali diz *“que não podes sofrer os*

maus". Mas infelizmente seus corações não estavam com Ele (Ap 2:2-4). Em Esmirna qualquer eventual aumento no declínio foi temporariamente pausado pelas grandes perseguições que se abateram sobre aquela igreja. A severidade da tribulação lhes fez retornar ao Senhor. Mas em Pérgamo, quando os tempos de grande perseguição haviam terminado, "*o anjo da igreja*" começou a tolerar alguns que tinham "*a doutrina de Balaão*", que é o mundanismo e a idolatria. O anjo não foi acusado de ter essas doutrinas, mas o Senhor viu falta neles por não denunciarem o mal, como havia feito o anjo em Éfeso.

Em Tiatira ocorreu uma condição pior: "*O anjo da igreja*" permitiu que se *ensinasse* a mesma má doutrina e prática que havia sido combatida por alguns em Pérgamo! (Compare Ap 2:14 com 2:20). O que teve início com alguns professando má doutrina terminou em muitos ensinando a mesma má doutrina. Isto mostra que se a existência do mal não for julgada ele acabará sendo aceito. Em Tiatira o ensino daquele mal havia se desenvolvido em todo um sistema de coisas chamado "*Jezabel*", que certamente corresponde ao catolicismo. Na Idade Média este sistema ímpio exercia um poder tão tirânico sobre a igreja como um todo, com seu poder e organização, que controlava até mesmo o anjo! Aqueles que ocupavam um lugar de responsabilidade haviam falhado em lidar com isso quando poderiam ter feito, e agora ele havia crescido em um monstro que os controlava! (Veja Atos 27:14-15. O "*Euro-aquilão*", um forte vento mediterrâneo, tomou o controle da embarcação e a tripulação nada podia fazer senão se deixar levar: "*E não podendo navegar contra o vento, dando de mão a tudo, nos deixamos ir à toa*"). A figura de "*Jezabel*" é adequadamente utilizada aqui, pois aquela mulher não somente introduziu formalmente a idolatria em Israel, como também controlava e manipulava seu marido, o rei Acabe.

Sendo esta a situação da condição pública da igreja, onde já não existia poder para lidar com o mal, o Senhor separou um remanescente, dizendo: *“Mas eu vos digo a vós, e aos restantes [remanescentes]...”*. Ele deixa de lado a grande massa de pessoas (Ap 2:24). Daquele momento em diante Ele passou a trabalhar com um remanescente que podia ouvir o que o Espírito estava dizendo às igrejas. Aqui temos a palavra *“remanescente”* usada em conexão com o testemunho cristão. É significativo que o Senhor não tenha colocado *“outra carga”* ou responsabilidade de consertarem a confusão existente no testemunho cristão, num esforço de levar a igreja de volta ao seu estado original. Ao invés disso, Ele dirigiu o foco deles para Sua vinda, dizendo: *“Mas o que tendes, retende-o até que eu venha”* (Ap 2:25).

Daquele ponto em diante é vista uma notória mudança no modo de o Senhor tratar com a igreja. Até ali, nas três primeiras igrejas, a voz do Espírito era dirigida à igreja como um todo. *“O que o Espírito diz às igrejas”* vinha **antes** da promessa *“ao que vencer”*. Isto indica que a recompensa para o vencedor era colocada diante de toda a igreja, pois o Senhor ainda estava tratando com ela de um modo geral. Mas agora, deste ponto em diante, a ordem é revertida. O chamado para ouvir *“o que o Espírito diz às igrejas”* vem **depois** da promessa feita *“ao que vencer”*. Esta é a ordem nas últimas quatro igrejas. O que o Espírito tem a dizer com respeito à ordem na igreja já não é mais dado à multidão, mas apenas ao que vencer. A razão é que se supõe que apenas o vencedor irá escutar o que o Espírito está dizendo. Não se espera que as multidões venham a escutar e a se arrepender. A previsão de Paulo a Timóteo, de que as pessoas, em sua maioria, *“não suportarão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências”* havia se realizado (2 Tm 4:2-

3), e por isso o Espírito já não falava ao corpo como um todo.

Fazendo uma observação sobre tal mudança, J. N. Darby escreveu que o corpo como um todo é “deixado de lado” deste ponto em diante, pois a grande massa pública da profissão cristã é tratada como sendo incapaz de ouvir e se arrepender. William Kelly escreveu: “Desse momento em diante o Senhor apresenta a promessa [ao que vencer] primeiro, e isto porque é em vão esperar que a igreja como um todo venha a recebê-la... apenas um remanescente [a recebe], o vencedor, e a promessa é para eles; quanto aos outros, está tudo acabado”. Como resultado disso, o Senhor já não esperava que a massa da profissão cristã escutasse e voltasse ao ponto de onde havia se desviado. Qualquer ideia de recuperar a igreja como um todo é abandonada, já que ela atingiu um ponto em que não há volta. É por isso que eu não creio que o Espírito esteja necessariamente falando a todas as pessoas na cristandade hoje no que diz respeito à verdade de reunir. Com a maioria Ele está simplesmente deixando que siga seu caminho junto às suas organizações denominacionais.

Trabalhando com um testemunho remanescente desde então, o Senhor tem tido o prazer de recuperar a verdade que foi perdida pelo descuido da igreja nos séculos anteriores. Todavia Ele não parece achar apropriado recuperar a verdade toda de uma só vez. O remanescente mencionado em Apocalipse 2:24-29 é formado pelos Valdenses, Albigenses e outros grupos semelhantes que se separaram do mal de “*Jezabel*” nos tempos medievais. A eles foi dito “*o que tendes, retende-o até que eu venha*”, referindo-se àquela pequena medida de verdade que eles possuíam. Algum tempo depois, por ocasião da Reforma, o Senhor permitiu que um pouco mais de verdade fosse recuperada, a saber, a supremacia da Bíblia e a fé única-

mente em Cristo para a salvação. Mas aquele movimento do Espírito foi frustrado pelos próprios reformadores, que se uniram a determinados governos em busca de ajuda contra as perseguições da Igreja de Roma. Aquilo foi o mesmo que recorrer à carne em busca de socorro, ao invés de depender do Senhor (Jr 17:5; Sl 118:8-9; Is 31:1). O resultado foi a formação das grandes igrejas nacionais na cristandade e teve início aí o declínio do protestantismo, conforme é mostrado na igreja de Sardes (Ap 3:1-6).

Não foi senão até o início dos anos 1800 que o Senhor trouxe uma completa recuperação da verdade da “*fé que uma vez foi dada aos santos*” (Judas 3). Isto aconteceu quando alguns saíram de todas as organizações formais criadas pelos homens na igreja e é mostrado na mensagem do Senhor à igreja de Filadélfia (Ap 3:7-13). Naquela ocasião Deus estabeleceu um testemunho corporativo da verdade do um só corpo. Antes dessa época o remanescente era formado por indivíduos que buscavam seguir adiante fielmente em separação da corrupção da igreja romana. Vivemos hoje nos dias em que cada homem faz aquilo que acha certo aos seus próprios olhos (Juízes 21:25), e a maioria é complacente com esta lamentável condição. Isto é mostrado na igreja em Laodiceia (Ap 3:14-22).

O que nos interessa aqui é que o testemunho cristão atingiu um ponto de irremediável ruína, o que exigiu uma mudança no modo do Senhor tratá-lo. Ele abandonou qualquer tentativa de restaurar a condição pública da igreja e agora está trabalhando com um testemunho remanescente. Não se trata de dizer que os santos reunidos sejam exatamente o remanescente, mas sim que eles ocupam, eclesiasticamente falando e *como testemunho*, uma posição remanescente em meio à confusão que permeia a igreja. De um modo geral, o remanescente é for-

mado por todos os verdadeiros crentes espalhados pela grande massa da mera profissão cristã na cristandade.

Assim como ocorreu com Israel, para manter hoje um testemunho remanescente da verdade de que há um só corpo o Senhor não precisa ter todos os cristãos do mundo congregados ao Seu nome, mesmo que seja este o Seu *desejo* para com eles. Como já foi mencionado, o próprio significado da palavra remanescente implica que nem todos estão ali. Em divina prerrogativa e graça Deus está tomando um aqui e outro ali e os está reunindo ao nome do Senhor, de modo que tal testemunho remanescente possa seguir adiante. A manutenção disso é uma obra soberana. Isto é visto na observação que o Senhor faz a Filadélfia: “*O que abre, e ninguém fecha; e fecha, e ninguém abre*” (Ap 3:7). Nem homens nem o diabo podem impedir sua continuação, embora tal testemunho possa parecer seguir em grande fraqueza. Por mais humilde que seja o testemunho, Deus não precisa de nenhum daqueles que Ele reuniu, independente de quão espiritualmente dotados eles possam ser. Se não quisermos permanecer e abandonarmos, o Senhor irá reunir outros de modo que Seu testemunho remanescente seja levado adiante até Sua vinda. O fato de existir alguém reunido já é totalmente uma obra de Deus; a graça que salva uma alma é a mesma graça que reúne para o nome do Senhor. Se algum de nós escutou “*o que o Espírito diz às igrejas*” e enxergou a verdade de como reunir, isso foi só por Ele ter aberto nossos ouvidos (Pv 20:12).

Praticar Toda a Verdade é Impopular

Uma *segunda* razão pela qual os “santos reunidos” são relativamente poucos em números é que eles procuram praticar toda a verdade de Deus - e isto não é nem um pouco popular. Coisas como adorar em espírito e em ver-

dade sem instrumentos musicais (Jo 4:23-24; At 17:24-25), entender o lugar das irmãs na igreja (1 Co 11:2-16; 14:34-40; 1 Tm 2:9-15); praticar o julgamento coletivo do pecado e a excomunhão (1 Co 5:1-13) e outras verdades não são populares. A maioria dos cristãos hoje não quer estar conectada com algo que restrinja seu estilo de vida.

A Mão de Deus em Juízo Governamental Pesa Sobre Nós

A *terceira* razão do pequeno número de pessoas entre os reunidos ao nome do Senhor é que temos falhado em nossa responsabilidade de estarmos reunidos ao Seu nome, e a mão de Deus tem pesado sobre nós em disciplina governamental. Consequentemente, Deus nos reduziu numericamente a fim de nos humilhar. Isto também para nossa própria vergonha.

É triste dizer, mas houve épocas quando nos sentíamos orgulhosos de sermos aqueles que o Senhor havia reunido ao Seu nome, quando na verdade tudo não passava de uma obra da graça soberana. É claro que esse não deveria ser nosso espírito, quando o testemunho cristão está em ruínas. Se nós fomos reunidos assim, nada temos de nos gloriar, pois foi somente pela Sua graça que Ele nos concedeu tamanho privilégio. Se aqueles que Ele reuniu ao Seu nome são um testemunho, nada mais são do que um testemunho do fato de que existe uma ruína no testemunho cristão, e isto é algo de que ninguém iria querer se orgulhar. Como resultado de nosso lamentável estado, o Senhor tem pesado Sua mão sobre nós e nos reduziu em número como santos reunidos ao Seu nome, em comparação ao que era no passado. Possamos nós ouvir “*a vara, e quem a ordenou*” (Mq 6:9).

Sofonias 3:11-12 nos apresenta o princípio da ação gover-

namental do Senhor. Ali diz: *“Naquele dia não te envergonharás de nenhuma das tuas obras, com as quais te rebelaste contra mim; porque então tirarei do meio de ti os que exultam na tua soberba, e tu nunca mais te ensoberbecerás no meu monte santo. Mas deixarei no meio de ti um povo humilde e pobre; e eles confiarão no nome do SENHOR”*.

* * * * *

RESUMINDO: A resposta resumida para a razão de os “santos reunidos” serem relativamente poucos em número é:

- 1) A intenção era que fosse pequeno -- está em sua própria natureza. Por ser um testemunho remanescente, o Espírito de Deus não está necessariamente reunindo cada cristão restante na face da terra ao nome do Senhor para manter este testemunho. Por meio de Sua graça soberana Ele está mantendo uma *“lâmpada”* (1 Reis 11:36) na terra quanto à prática da verdade do um só corpo até que o Senhor venha.
- 2) Aqueles reunidos ao nome do Senhor procuram praticar toda a verdade de Deus, e muitas coisas nas Escrituras, como já observamos, não são populares. Portanto a maioria dos cristãos não está interessada em se identificar com este movimento.
- 3) Aqueles congregados ao nome do Senhor falharam e a mão de Deus tem estado sobre eles de forma disciplinar. Deus reduziu o número deste testemunho remanescente para humilhar os que estão conectados a ele.

* * * * *

CAPÍTULO 4

PERGUNTA: Por que é tão errado alguns dentre os “santos reunidos” frequentarem as denominações de seus amigos cristãos? Afinal, eles também amam o Senhor!

Quem faz esta pergunta não compreende a posição que assumimos em separação da confusão eclesiástica existente na cristandade. Isto nos faz indagar por que, se pensam assim, estão entre os “santos reunidos”. Não me julgue mal, ficamos felizes e gratos por todos os que assumiram seu lugar à mesa do Senhor, mas realmente precisamos entender a *razão* de estarmos ali, e a pergunta deixa claro que alguns não entendem.

RESPOSTA: Existem diversas razões pelas quais não faz sentido que aqueles que estão congregados ao nome do Senhor frequentem cultos em uma igreja denominacional.

1) Seria hipocrisia apoiar algo que somos contra.

Antes de qualquer coisa, precisamos entender a posição que assumimos como congregados ao nome do Senhor “*fora do arraial*” (Hb 13:13). H. E. Hayhoe escreveu que “*Trata-se e um protesto bíblico e prático contra a falta de fundamento bíblico da ordem denominacional na cristandade*”, e há uma citação semelhante feita por W. Potter. Se uma pessoa se une àqueles que assumiram esta posição, há de se esperar que ela concorde com tal posição. A conclusão óbvia a respeito de alguém que tenha assumido esta posição, como separado da ordem sem fundamento bíblico que são as denominações, e volte a frequentar seus cultos é que tal pessoa é hipócrita.

Paulo fala deste princípio em Gálatas 2:18, quando diz: *“Porque, se torno a edificar aquilo que destruí, constituo-me a mim mesmo transgressor”*. Como judeu convertido, ele havia assumido a posição cristã fora do judaísmo. Ele estava ativamente engajado em encorajar outros, que haviam assumido a mesma posição, a reterem *“firmes a confissão da nossa esperança”* (Hb 10:23). Para ele, retornar àquilo de onde sua consciência o havia tirado faria dele um *“transgressor”*. Enquanto Gálatas 2:18 faz referência ao judaísmo, o princípio é o mesmo com respeito à ordem denominacional na cristandade. Participar de uma assim chamada “igreja” depois de termos assumido uma posição de protesto contra isso seria hipocrisia. William Kelly escreveu algo no sentido de que seria pecado ele retornar àquilo de onde sua consciência o havia tirado, e qualquer pessoa que insistisse para que ele fosse contra sua própria consciência estaria, na verdade, encorajando-o a pecar contra Deus.

2) Seria aprovar a ordem denominacional que não tem base bíblica.

Em segundo lugar, ao frequentarmos uma denominação estaríamos assim tendo comunhão com ela, e portanto sancionando e aprovando as coisas feitas nesse lugar que está claramente fora da Palavra de Deus. Podemos ter certeza de que o Senhor não ficaria contente conosco se agíssemos assim.

Existe uma figura no Antigo Testamento que ilustra bem este ponto. Vamos ler a passagem em 1 Reis 13, pois acredito que podemos aprender algo dela.

“E eis que, por ordem do SENHOR, veio, de Judá a Betel, um homem de Deus; e Jeroboão estava junto ao altar, para queimar incenso. E ele clamou contra o altar por

ordem do SENHOR, e disse: Altar, altar! Assim diz o SENHOR: Eis que um filho nascerá à casa de Davi, cujo nome será Josias, o qual sacrificará sobre ti os sacerdotes dos altos que sobre ti queimam incenso, e ossos de homens se queimarão sobre ti. E deu, naquele mesmo dia, um sinal, dizendo: Este é o sinal de que o SENHOR falou: Eis que o altar se fenderá, e a cinza, que nele está, se derramará. Sucedeu, pois, que, ouvindo o rei a palavra do homem de Deus, que clamara contra o altar de Betel, Jeroboão estendeu a sua mão de sobre o altar, dizendo: Pegai-o! Mas a sua mão, que estendera contra ele, se secou, e não podia tornar a trazê-la a si. E o altar se fendeu, e a cinza se derramou do altar, segundo o sinal que o homem de Deus apontara por ordem do SENHOR. Então respondeu o rei, e disse ao homem de Deus: Suplica ao SENHOR teu Deus, e roga por mim, para que se me restitua a minha mão. Então o homem de Deus suplicou ao SENHOR, e a mão do rei se lhe restituiu, e ficou como dantes. E o rei disse ao homem de Deus: Vem comigo para casa, e conforta-te; e dar-te-ei um presente. Porém o homem de Deus disse ao rei: Ainda que me desses metade da tua casa, não iria contigo, nem comeria pão nem beberia água neste lugar. Porque assim me ordenou o SENHOR pela sua palavra, dizendo: Não comerás pão nem beberás água; e não voltarás pelo caminho por onde vieste. Assim foi por outro caminho; e não voltou pelo caminho, por onde viera a Betel. E morava em Betel um velho profeta; e vieram seus filhos, e contaram-lhe tudo o que o homem de Deus fizera aquele dia em Betel, e as palavras que dissera ao rei; e as contaram a seu pai. E disse-lhes seu pai: Por que caminho se foi? E seus filhos lhe mostraram o caminho por onde fora o homem de Deus que viera de Judá. Então disse a seus filhos: Albardai-me um jumento. E albardaram-lhe o jumento no qual ele montou. E foi após o ho-

mem de Deus, e achou-o assentado debaixo de um carvalho, e disse-lhe: És tu o homem de Deus que vieste de Judá? E ele disse: Sou. Então lhe disse: Vem comigo à casa, e come pão. Porém ele disse: Não posso voltar contigo, nem entrarei contigo; nem tampouco comerei pão, nem beberei contigo água neste lugar. Porque me foi mandado pela palavra do SENHOR: Ali não comerás pão, nem beberás água; nem voltarás pelo caminho por onde vieste. E ele lhe disse: Também eu sou profeta como tu, e um anjo me falou por ordem do SENHOR, dizendo: Faze-o voltar contigo à tua casa, para que coma pão e beba água (porém mentiu-lhe). Assim voltou com ele, e comeu pão em sua casa e bebeu água. E sucedeu que, estando eles à mesa, a palavra do SENHOR veio ao profeta que o tinha feito voltar. E clamou ao homem de Deus, que viera de Judá, dizendo: Assim diz o SENHOR: Porquanto foste rebelde à ordem do SENHOR, e não guardaste o mandamento que o SENHOR teu Deus te mandara, Antes voltaste, e comeste pão e bebeste água no lugar de que o SENHOR te dissera: Não comerás pão nem beberás água; o teu cadáver não entrará no sepulcro de teus pais” (1 Rs 13:1-22).

Bem, o restante da história todos nós já conhecemos: um leão o encontrou no caminho e o matou. Que triste final para sua vida! Existem algumas lições valiosas que podemos aprender disto. No capítulo 12, Jeroboão havia estabelecido dois altares rivais ao altar do Senhor em Jerusalém.

- Eles negavam a unidade de Deus por existirem *dois* bezerros para representarem o *único* Deus de Israel. “Ouve, Israel, o SENHOR nosso Deus é o *único* SENHOR” (Dt 6:4).

- Eles negavam a verdade do *único* centro de reunião para ofertas e sacrifícios, ao fazerem de Betel e Dã lugares

alternativos de adoração. “*Então haverá um lugar que escolherá o SENHOR vosso Deus*” (Dt 12:11).

- Eles dividiam o povo de Deus, o qual Deus queria que estivesse unido como um só povo. “...e elas se farão uma só na minha mão” -- este era o desejo original de Deus (Ez 37:15-19).

Como resposta Deus levantou um testemunho contra aqueles falsos centros de adoração e sacrifício. “*Um homem de Deus*” foi enviado de Judá (onde estava o centro de Deus) para protestar contra a falsa posição estabelecida por Jeroboão em Betel. Ele foi “*por ordem do Senhor*”, o que demonstra que o testemunho contra a falta de fundamento nas Escrituras para aqueles falsos altares vinha de Deus. De um modo similar, a posição de separação de tudo o que não é bíblico -- que é a que os santos reunidos ao nome do Senhor assumem na cristandade -- é na realidade um protesto bíblico vindo de Deus.

É significativo que o homem de Deus “*clamou*” contra o altar, mas “*suplicou*” pelo rei e pelo povo que oferecia seus sacrifícios ali (vers. 2, 6). Do mesmo modo, este protesto bíblico dos santos reunidos ao nome do Senhor não é contra os queridos crentes que adoram em suas igrejas denominacionais, mas sim contra o sistema no qual estão envolvidos. Não criticamos nossos queridos irmãos que estão nas igrejas denominacionais; nós os amamos e oramos pelo bem deles e para que sejam abençoados. O fato de o rei ter estendido sua mão contra o profeta demonstra que existem reprovação e perseguição conectadas à posição de separação que assumimos, e precisamos estar preparados para isso. “*Saiamos, pois, a ele fora do arraial, levando o seu vitupério [opróbrio ou vergonha]*” (Hb 13:13).

Depois que a mão do rei foi restaurada, aqueles que estavam em Betel fizeram uma dupla tentativa de envolver o

homem de Deus em uma falsa associação com eles naquele lugar. Houve a oferta de um presente da parte do rei para que ele ganhasse alguma vantagem neste mundo, e também um convite para que fosse até a casa do rei para se recompor da viagem. Tratava-se de uma evidente tentativa de desviar o servo de Deus do caminho de obediência à Palavra de Deus. A tentativa foi frustrada pela obediência do homem de Deus àquilo que lhe havia sido dito “*pela palavra do Senhor*” (vers. 7-10). Isto nos ensina que, quando somos provados, devemos nos agarrar aos princípios que nos foram ensinados pela Palavra de Deus e nos deixarmos guiar por eles.

Tendo fracassado em sua primeira tentativa, o inimigo atacou o homem de Deus de uma maneira muito mais sutil. O “*velho profeta em Betel*” aproximou-se do homem de Deus e disse a ele uma grande mentira para tentar fazê-lo voltar e ter comunhão consigo naquela falsa posição. Para convencer o profeta mais jovem, o velho profeta usou daquilo que alegou ser “*a palavra do Senhor*”. É triste ter de admitir, mas seu estratagema funcionou e o homem de Deus foi enganado para que retornasse a Betel para comer pão com ele (vers. 11;32). Isto nos ensina que devemos permanecer em guarda contra nossos conservos que distorcem a Palavra de Deus para nos persuadir a trilhar o caminho errado. Muitos cristãos sinceros têm sido persuadidos por seus irmãos a agirem sobre algum falso princípio no que diz respeito à comunhão, e assim acabaram sendo desviados da mesa do Senhor para alguma falsa posição. Fiquemos alerta contra isso.

Você irá reparar que o velho profeta de Betel se esforçou bastante para comprometer o homem de Deus e convencê-lo a ter comunhão consigo em sua falsa posição. Ele queria desesperadamente fazê-lo comer e beber naquele

lugar, o que expressa comunhão. Evidentemente o velho profeta tinha consciência de estar em uma posição sem fundamento nas Escrituras e queria que outros estivessem ali com ele para aliviar o fardo em sua consciência.

O homem de Deus fracassou por não partir do “*lugar*” contra o qual ele havia sido enviado para testificar (vers. 16). Ele caminhou uma pequena distância e então se sentou sob uma árvore, mas ainda estava em Betel. Talvez o velho profeta não o alcançasse se ele tivesse continuado caminhando. Sua demora em sair dali permitiu sua queda. Fica muito claro desta passagem o que Deus pensa daqueles que estão em Seu divino centro e mantêm comunhão com os que estão em uma falsa posição eclesial. Creio que isto responda à pergunta se os “santos congregados” deveriam frequentar uma igreja denominacional.

Resumindo, ocorreram *três* coisas como consequência de o homem de Deus ter voltado para comer e beber com o velho profeta de Betel. Ao fazer isso ele:

- Colocou sua aprovação naquele lugar de sacrifício que não tinha a aprovação do Senhor.
- Colocou sua aprovação na infidelidade do velho profeta que ocupava aquela falsa posição.
- Anulou seu próprio testemunho contra a falta de fundamento do falso centro, e assim encerrou sua história de testemunho do único lugar escolhido por Deus.

3) Perderíamos nosso poder como testemunhas da verdade da assembleia.

Uma *terceira* razão de precisarmos andar em separação das igrejas denominacionais é que se nos juntarmos a elas perderemos nosso poder como testemunhas da verdade da assembleia. No caso do profeta que voltou a Be-

tel para comer pão com o velho profeta, quando desobedeceu a Palavra do Senhor e comeu naquele lugar, um leão o matou e aquele foi o fim de sua história como uma testemunha para o Senhor.

O Senhor disse a Jeremias: *“Se tu voltares, então te trarei, e estarás diante de mim; e se apartares o precioso do vil, serás como a minha boca; tornem-se eles para ti, mas não voltes tu para eles”* (Jr 15:19). O ponto que veremos aqui é que, se Jeremias permanecesse separado da corrupção que havia em Judá, ele continuaria a ser usado como a *“boca”* do Senhor. Se ele voltasse e se juntasse ao povo, perderia seu poder como um testemunho. Do mesmo modo, se permanecermos na posição eclesiástica em que estamos por termos nos separado, poderemos e seremos usados para levar um testemunho da verdade em meio à confusão e, em certo sentido, sermos a *“boca”* do Senhor. Seremos um *“vaso para honra, santificado e idôneo para uso do Senhor, e preparado para toda a boa obra”* (2 Tm 2:21). Aqueles que permanecem na confusão dos sistemas denominacionais podem ser usados pelo Senhor para algumas obras, mas não para *“toda a boa obra”*. Eles não podem ser usados para ensinar a verdade da assembleia e a ordem adequada a ela -- ao menos com poder, já que tal verdade condena a posição em que se encontram. E se nós retornarmos àquilo de que nos separamos, perderemos nosso poder de testemunhar.

4) Estaríamos associando a mesa do Senhor com a ordem sem base bíblica existente nas igrejas.

Uma quarta razão pela qual aqueles congregados ao nome do Senhor devem ser cuidadosos quanto a terem comunhão com as igrejas no cristianismo denominacional é

que, ao frequentarmos seus cultos, iremos associar a mesa do Senhor com a ordem existente nelas, para a qual não há base bíblica. O apóstolo Paulo fala deste princípio em 1 Coríntios 10:14-22. Ele demonstra que, seja no cristianismo, judaísmo ou paganismo, existe uma identificação. Em cada caso, a participação em uma determinada ordem religiosa é a expressão da comunhão de alguém com o que existe ali.

Com respeito ao cristianismo, Paulo disse: *“Porventura o cálice de bênção, que abençoamos, não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é porventura a comunhão do corpo de Cristo?”* (1 Co 10:16). O ato de partirmos o pão (participando da ceia do Senhor) é a expressão de nossa comunhão com aqueles com quem partimos o pão. O mesmo princípio vale no que diz respeito a Israel. Ele disse: *“Vede a Israel segundo a carne; os que comem os sacrifícios não são porventura participantes do altar?”* (1 Co 10:18). Alguém que participasse dos sacrifícios feitos no altar do judaísmo estaria identificado com tudo que aquele altar representava. Paulo mostrou também que o mesmo princípio vale para a idolatria e o paganismo. Ele disse: *“Antes digo que as coisas que os gentios sacrificam, as sacrificam aos demônios, e não a Deus. E não quero que sejais participantes com os demônios.”* (1 Co 10:20). Neste caso aqueles que participassem do *“cálice dos demônios”* estariam em comunhão com os demônios por detrás dos ídolos.

O ponto levantado por Paulo aqui é muito claro: nosso ato de participar em uma comunhão religiosa qualquer -- judaica, pagã ou cristã -- nos identifica com tudo o que acontece ali. O princípio se aplica às mesas dos homens existentes na ordem de igrejas denominacionais. Se participarmos com eles, e eles ensinarem má doutrina, estaremos em comunhão com essa má doutrina. Se eles esti-

verem engajados em práticas de adoração incorretas segundo as Escrituras, e participarmos com eles, estaremos também em comunhão com essas práticas. Eu sei que isto é terrivelmente impopular, mas permanece o fato de que quando nos associamos com qualquer ordem sem base bíblica no cristianismo denominacional -- quer concordemos com suas práticas ou não -- mesmo assim estaremos identificados com elas. E o que é mais importante, se partirmos o pão à mesa do Senhor, o nosso ato de termos comunhão com uma ordem sem fundamento bíblico na cristandade faz com que estejamos associando isso à mesa do Senhor. Certamente isto não pode ser do agrado do Senhor.

5) Existe o perigo de acabar sendo levado para dentro das igrejas denominacionais

Uma *quinta* razão pela qual precisamos ser cuidadosos em nossas associações com as igrejas denominacionais é que existe o perigo de nos deixarmos levar por elas. Existe uma possibilidade real de adquirirmos má doutrina -- especialmente opiniões eclesiásticas. O princípio que eu aplicaria neste caso é *“Porque nenhum de nós vive para si, e nenhum morre para si” (Rm 14:7)*. Ele mostra que somos afetados pelo meio. As ideias errôneas daqueles com quem nos associamos nesses grupos eclesiásticos acabarão sendo passadas para nós. Pode levar algum tempo, mas é um fato. *“Não vos enganéis: as más conversações corrompem os bons costumes” (1 Co 15:33)*. Em Ageu 2:10-14 lemos: *“Ao vigésimo quarto dia do mês nono, no segundo ano de Dario, veio a palavra do SENHOR por intermédio do profeta Ageu, dizendo: Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Pergunta agora aos sacerdotes, acerca da lei, dizendo: Se alguém leva carne santa na orla das suas vestes, e com ela tocar no pão, ou*

no guisado, ou no vinho, ou no azeite, ou em outro qualquer mantimento, porventura ficará isto santificado? E os sacerdotes responderam: Não. E disse Ageu: Se alguém que for contaminado pelo contato com o corpo morto, tocar nalguma destas coisas, ficará ela imunda? E os sacerdotes responderam, dizendo: Ficarà imunda. Então respondeu Ageu, dizendo: Assim é este povo, e assim é esta nação diante de mim, diz o SENHOR; e assim é toda a obra das suas mãos; e tudo o que ali oferecem imundo é” (Ag 2:10-14). Talvez você discorde e argumente: “Mas esses cristãos não são maus!” No que diz respeito à vida pessoal deles isto pode ser verdade, mas é de suas opiniões errôneas acerca do que é a igreja que estamos falando aqui, ou seja, apenas dos princípios aos quais eles estão conectados. Nas Escrituras há muitos exemplos que demonstram que precisamos tomar cuidado com as pessoas com quem nos associamos.

Talvez alguém possa estar perguntando: “Existe algum problema em as irmãs congregadas ao nome do Senhor participarem de estudos da Bíblia para mulheres promovidos por essas organizações?” Entendo que a pergunta se refira a reuniões que não sejam feitas dentro do prédio de uma igreja, portanto você estaria dizendo que participar de reuniões assim não seria o mesmo que frequentar as igrejas denominacionais. Não há nada de errado em irmãs se reunirem para ler a Palavra, e devemos encorajá-las neste sentido. Mas eu creio que não exista fundamento bíblico para estudos entre mulheres voltados ao ensino. Em 1 Coríntios 14:35 lemos que “*se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos*”. Nas Escrituras você não encontra uma organização para-eclésiástica criada para ensinar mulheres. Talvez seja difícil aceitar tal ideia, pois nesses grupos as pessoas estariam fazendo algo bom e correto -- afinal, que mal pode existir em se estudar as Escrituras?

Todavia, é possível fazer a coisa *certa* do jeito *errado*, e é isto que estou tentando mostrar aqui. Este versículo que acabo de citar eu tirei das Escrituras, e lembrem-se de que no início eu disse que procuraria responder às dúvidas com as Escrituras. O que eu disse pode não ser muito popular, mas está nas Escrituras.

A réplica usual neste caso é: “Mas e se uma irmã não tem marido?”. A palavra traduzida como “*maridos*” nesta passagem tem um significado mais amplo do que apenas homens casados; ela se refere a homens de uma maneira geral. A mesma palavra grega é traduzida como “*homens*” várias vezes no Novo Testamento (Atos 1:16, 29, 37; 3:2; 7:2; 9:2; 13:15; 15:7 etc.). Creio que era assim que ela deveria ter sido traduzida neste versículo. O ponto que Paulo está querendo frisar é que as irmãs podem perguntar aos homens (irmãos) em casa, isto é, no ambiente doméstico, se quiserem entender alguma coisa que foi falada na assembleia. Volto a repetir que entendo que isto seja o mesmo que jogar um balde de água fria naquilo que alguns gostariam de ouvir, mas é isto que as Escrituras dizem, e não somos mais sábios que a Palavra de Deus.

O foco de nosso assunto, que é o perigo de sermos afetados por nossas associações, é bem real. Como já foi mencionado, existe a possibilidade de nos deixarmos levar pelas ideias das igrejas denominacionais através da comunhão com cristãos conectados a esses sistemas. Alguém me contou que em uma assembleia congregada ao nome do Senhor havia sete irmãs que passaram a participar de um estudo bíblico para mulheres organizado por pessoas de uma igreja denominacional, e poucos anos depois apenas duas delas continuavam congregadas. Portanto não devemos achar que esse tipo de comunhão não cause um efeito nas pessoas. Uma das consequências de

alimentar-se do ministério que tem suas raízes no arraial é ser arrastado para o arraial. E no arraial você não encontrará um ministério que leve a pessoa para “*fora do arraial*” -- para o lugar correto designado para o cristão (Hb 13:13). Eu odiaria ver um grupo de jovens ser levado por algo assim. Não seria a primeira vez que isto aconteceria.

Anos atrás, quando eu era jovem e faminto por aprender a verdade, tínhamos em nossa assembleia uma situação ideal. Havia muitos mestres bem dotados ali -- os irmãos Clark, Coleman, Graham, e também, dentre aqueles menos atuantes, tínhamos meu pai, meus tios Stan e Jim, e o irmão Keating. Todos tinham boas bibliotecas de sã doutrina e nos ensinavam uma boa parcela da verdade nas reuniões semanais, pelo que sou muito grato. Quando íamos a uma reunião de leitura, nós nos sentávamos ali tomando notas e bebendo tudo aquilo. Muito do que hoje sei eu aprendi com aqueles homens.

De qualquer modo, em meio a tudo isso havia uma irmã na assembleia que costumava frequentar regularmente um estudo bíblico para mulheres organizado por uma igreja da cidade. Quando alguém lhe perguntava a razão de frequentar aquele grupo de estudo ela respondia que não estava recebendo alimento nas reuniões! O que?! Como assim? Lá estávamos nós anotando em um ritmo febril a maravilhosa verdade que saía da boca daqueles homens e ela dizendo que não estava sendo alimentada?! Nem preciso dizer que aquela irmã não está mais congregada ao nome do Senhor; hoje ela frequenta uma igreja denominacional.

Que triste estado este em que nos encontramos! Antigamente, há uns 150 anos, essas igrejas denominacionais costumavam procurar os irmãos congregados ao nome do Senhor para aprenderem a verdade; agora nós precisa-

mos ir a eles para sermos alimentados! Isto me faz lembrar os filhos de Israel, que desciam aos filisteus para terem seus implementos agrícolas afiados por eles (1 Sm 13:19-22). Não estou querendo dizer que nossos irmãos nas igrejas denominacionais sejam como os ímpios filisteus; estou apenas triste pelo fato dos santos congregados acharem que precisam ir a esses em busca da verdade quando deveria ser o contrário.

Talvez o problema tenha duas faces. Isto poderia apenas ser um sintoma de um espírito inquieto e insatisfeito em busca de algo diferente. Mas, por outro lado, precisamos perguntar a nós mesmos *por que* alguém em nossa assembleia local iria querer participar de um estudo bíblico em uma denominação. Por que uma irmã acharia que não está sendo alimentada nas reuniões da assembleia? Talvez fosse um problema com a condição dela, mas poderia ser também por não estarmos dando aos santos o alimento necessário. Precisamos pensar nisto. Creio que parte do problema é culpa daqueles que têm a responsabilidade de ensinar na assembleia. Será que estamos alimentando como deveríamos? Será que estamos ensinando a verdade aos santos? Quando nos reunimos, será que ficamos procurando algo para dizer apenas para preencher aquela hora, ou estamos trazendo algo realmente significativo? Não estou tentando apontar culpados entre os que ensinam; o que desejo é ser exercitado neste sentido. Mas se não tivermos empregado algum tempo aprendendo a verdade para nós mesmos, ela não sairá como em um passe de mágica quando estivermos nas reuniões de estudo; precisamos ser diligentes durante a semana em nossos estudos pessoais para termos certeza de podermos trazer algo para as reuniões no sentido de alimento para as almas. Então, talvez as pessoas fiquem contentes por estarem nas reuniões da assembleia e deixem de procurar por algo em outros lugares.

* * * * *

RESUMINDO: Alguém que esteja congregado ao nome do Senhor -- em separação da ordem sem base bíblica das igrejas denominacionais -- e que frequente um culto denominacional estará sendo inconsistente com a posição que assumiu, pois:

- 1) Estará sendo hipócrita ao apoiar algo contra o que protestamos.
- 2) Estará sancionando algo que está claramente em desacordo com a Palavra de Deus.
- 3) Perderá poder como testemunha da verdade da assembleia.
- 4) Estará conectando a mesa do Senhor com uma ordem sem fundamento bíblico que é a das denominações.
- 5) Estará se colocando em uma posição em que poderá receber má doutrina e ser afastado da mesa do Senhor.

* * * * *

CAPÍTULO 5

PERGUNTA: *Como podemos dizer que só existe um grupo de cristãos que estão corretamente congregados numa base divina, e que somente eles têm o Senhor em seu meio, quando existem tantos grupos de cristãos piedosos e devotados que se reúnem com motivos sinceros? Isto soa extremamente preconceituoso e sectário.*

RESPOSTA: Ensinar que o Espírito de Deus possui um

centro de reunião no cristianismo no mundo hoje -- um lugar onde o Senhor colocou o Seu nome e onde o Espírito de Deus está congregando pessoas -- é provavelmente o ponto mais odiado dentre todas as questões que as pessoas levantam. Pode parecer bem preconceituoso e sectário, mas quando você considera o que as Escrituras ensinam a respeito do terreno de reunião para os cristãos a única conclusão honesta a que você poderá chegar é que deveria existir apenas um centro divinamente reconhecido de reunião na terra.

Ter dúvidas quanto à possibilidade de existir um centro divino de reunião no cristianismo é perder de vista alguns princípios importantes da Palavra de Deus a respeito deste assunto. Portanto, a fim de responder adequadamente precisamos voltar a estabelecer os princípios básicos que envolvem o congregar, e deixarmos que as Escrituras tirem suas próprias conclusões para nós.

Deus deseja que o Seu povo seja um único testemunho

Antes de tudo, a Palavra de Deus nos diz que o PLANO de Deus no cristianismo é que *“Jesus devia morrer... também para reunir em um corpo os filhos de Deus que andavam dispersos”* (Jo 11:51-52), e então haveria *“um rebanho”* (Jo 10:16). Antes de ir para a cruz o Senhor orou com este objetivo, dizendo, *“Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós... Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste”* (Jo 17:11, 21). Embora estes versículos em João não falem diretamente da verdade da unidade do corpo de Cristo, mas sim da unidade da família de Deus, eles demonstram

claramente que o desejo de Deus para o Seu povo é que sejam encontrados juntos em uma unidade visível na terra.

A primeira vez que o Senhor revelou os Seus pensamentos de uma unidade prática manifestada entre o Seu povo na igreja foi em Mateus 18:20. Ali diz: “Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em [ao] meu nome, aí estou eu no meio deles”. Ele não queria que o Seu povo estivesse meramente “reunidos” onde Ele estava no meio, mas *unidos*. Assim o Senhor estava indicando que todos aqueles que o Espírito de Deus viesse a reunir ao Seu nome, onde quer que estivessem na face da terra, estariam *unidos* em uma unidade visível. Ele não quis dizer que eles deveriam estar reunidos geograficamente em um lugar (como acontecia no judaísmo com Jerusalém), mas que agissem unanimemente nas diversas localidades onde o Espírito os reunisse, a fim de darem uma expressão universal do fato de serem um.

Você pode achar que estou enxergando mais na palavra “reunidos” do que o Espírito de Deus tinha a intenção de incluir nela, e é verdade que se tivéssemos apenas este versículo de Mateus 18:20 falando do assunto de reunir talvez não tivéssemos uma base para afirmar isto. Mas quando abrimos o livro de Atos e as epístolas, e interpretamos esta passagem à luz de todo o teor da revelação cristã, podemos ver que o Senhor estava indicando a verdade da unidade da igreja em testemunho. Ela é apenas pincelada em Mateus 18 porque os discípulos ainda não tinham o Espírito Santo, e não seriam capazes de entender a verdade contida ali (Jo 14:25-26; 16:12). O Senhor agiu assim em diversas ocasiões de Seu ministério, não dando mais que a semente de alguma verdade, e depois deixando que ela fosse desenvolvida por intermédio dos apóstolos depois de o Espírito Santo haver sido dado.

À medida que o evangelho alcançava muitas terras e muitos eram convertidos, surgiriam naturalmente diversas reuniões espalhadas pela terra, mas o Senhor queria que elas continuassem fazendo parte de uma só comunhão e testemunho. Isto é visto na observação feita pelo apóstolo Paulo aos Tessalonicenses: *“Porque vós, irmãos, haveis sido feitos imitadores das igrejas de Deus que na Judéia estão em Jesus Cristo”* (1 Ts 2:14). O Senhor não tinha a intenção de que Seu povo formasse grupos independentes, mas que existisse um só rebanho -- uma comunhão universal dos santos na terra. É a esta comunhão que todos os cristãos são chamados (1 Co 1:9).

Deus possui um terreno no qual Ele reúne os cristãos

Um segundo ponto a ser observado é que Deus possui um LUGAR -- um terreno eclesiástico -- na terra *“onde”* Ele gostaria de ter os cristãos reunidos para expressar a verdade de que há um só corpo. Este Centro de reunião é o próprio Cristo. O mesmo versículo que citei (Mateus 18:20) diz: *“Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em [ao] meu nome, aí estou eu no meio deles”*. Como já foi mencionado, este lugar de reunião no cristianismo não é um centro geográfico literal, mas um *terreno espiritual* envolvendo princípios das Escrituras que têm a ver com o modo como os cristãos devem se reunir para a adoração e o ministério. Aqueles que ocupam este terreno não estão reunidos aos princípios, mas a uma Pessoa -- o Senhor Jesus Cristo.

Este centro de reunião é um lugar da escolha do Senhor, onde Ele colocou o Seu nome e onde Ele reúne os crentes. Repare que o versículo diz *“onde”* e não *“onde quer que”*, como alguns cristãos gostariam de interpretar. Muitos

acham que este versículo esteja simplesmente dizendo que quando e onde quer que um grupo de cristãos se reúna -- seja para tomar um café em uma lanchonete, para alguma atividade recreativa etc. -- eles contam com a presença do Senhor com eles coletivamente. Certamente é verdade que quando cristãos se encontram, independente do objetivo que tenham em mente, a presença do Senhor está com eles individualmente, pois Ele prometeu, “*eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos*” (Mt 28:20) e “*não te deixarei, nem te desampararei*” (Hb 13:5). Mas *não é disto* que o versículo em Mateus 18:20 está falando. Existe uma diferença nas Escrituras entre a presença do Senhor com o Seu povo *individualmente*, e a presença do Senhor com um grupo de crentes *coletivamente*, como uma assembleia reunida para adoração, ministério e decisões administrativas. É a este aspecto coletivo que Mateus 18 está se referindo.

É importante considerar o contexto na interpretação da Bíblia. Se atentarmos para o capítulo em Mateus 18, veremos que nos versículos que culminam no versículo 20 o Senhor estava falando da assembleia em sua capacidade administrativa de tomar decisões e agir. O capítulo tem a ver com a autoridade da assembleia local para executar tais ações, pois o próprio Senhor está em seu meio. O Senhor está ali no meio sancionando a própria existência daqueles reunidos pelo Espírito ao Seu nome, e também suas ações administrativas. Tendo isto em mente, insisto em acrescentar que a presença do Senhor no meio daqueles que Ele reuniu não sanciona *a condição* dessas pessoas -- que pode ser péssima -- e sim *o terreno* sobre o qual elas estão reunidas. A Bíblia não fala de qualquer lugar que escolhermos, mas “*onde*” for o lugar escolhido por Ele. É por isso que ele é frequentemente chamado de “o lugar de Sua escolha”.

Lucas 22:7-10 também estabelece o mesmo ponto: existe um lugar na terra (um terreno espiritual) “*onde*” Deus gostaria que os crentes estivessem congregados. O Senhor Jesus estava para instituir a Ceia do Senhor -- o partir do pão (Lc 22:19-20; 1 Co 10:16-17, 11:23-26) -- e desejava que Seus discípulos fizessem isso no lugar escolhido por Ele. As coisas em Israel naquela época estavam fora de ordem e havia muita corrupção, que ia dos principais sacerdotes e anciãos até o cidadão comum. Como resultado disso, o Senhor não foi reconhecido como seu Messias. A verdade é que eles se preparavam para matá-Lo! (Lc 22:2). O povo seguia celebrando a Páscoa, mas ao mesmo tempo rejeitava Aquele que era o cumprimento da Páscoa. Portanto, havia muitas casas em Jerusalém naquela noite em que a festa era celebrada, mas havia apenas um aposento onde o Senhor estava presente -- o lugar que Ele havia designado para Seus discípulos. A cristandade hoje igualmente encontra-se fora de ordem, e como resultado há muitos lugares onde os cristãos se reúnem, porém o Senhor não está ali no sentido coletivo para sancionar o terreno no qual eles congregam.

Hebreus 13:13 nos fala que o lugar escolhido pelo Senhor -- onde Ele está no meio -- é “*fora do arraial*”. O “*arraial*” é uma palavra que o Espírito de Deus usa para indicar o judaísmo e todos os princípios e práticas judaicas. Os cristãos costumam perder este ponto de vista e acabam adotando em seus lugares de adoração muitas coisas que estão conectadas à adoração judaica. Eles ignoram o claro ensino das Escrituras que indica que o tabernáculo é uma *figura* do verdadeiro santuário, ao qual agora temos acesso pelo Espírito (Hb 9:8-9, 23-24). No entanto, acabaram usando o judaísmo como um *padrão* para suas organizações eclesiásticas. Erigiram grandes templos e catedrais “*feitos por mãos de homens*” (At 17:24-25), emprestando assim muitas coisas do Antigo Testamento

em seu sentido literal como um padrão para sua adoração. Eles perderam completamente de vista o fato de que o verdadeiro terreno de reunião e adoração cristã é uma maneira totalmente nova de se aproximar de Deus “*em espírito e em verdade*” (Jo 4:23-24; Hb 10:19-20). Tal terreno encontra-se totalmente fora dos princípios e práticas judaizantes. Qualquer pessoa que estivesse procurando pelo lugar da escolha do Senhor teria de procurar fora de todos esses lugares da cristandade -- da basílica de São Pedro, em Roma, à menor capela evangélica -- pois todos esses lugares trazem, em maior ou menor escala, os paramentos do judaísmo mesclados na estrutura de seus cultos de adoração.

1 Coríntios 10:21 nos diz que existe algo chamado de “*mesa do Senhor*”. Não se trata da mesa literal que os irmãos têm em seus locais de reunião, sobre a qual colocam os emblemas da Ceia do Senhor. Trata-se de um termo *simbólico* que denota o lugar no qual o Espírito Santo reúne os crentes ao nome do Senhor Jesus. É ali que a unidade do corpo é exibida e onde Cristo está no meio. Nas Escrituras uma “*mesa*” simboliza comunhão. No caso da mesa do Senhor ela simboliza o verdadeiro terreno de comunhão que Deus possui para todos os cristãos, onde a autoridade do Senhor é reconhecida e a ela todos se sujeitam. É por esta razão que é chamada de “*mesa do Senhor*”.

Existe uma figura desta verdade do divino centro de reunião em Deuteronômio 12, à qual já fiz referência. O Senhor possuía um lugar no qual Ele reunia o Seu povo, Israel. “*Então haverá um lugar que escolherá o SENHOR vosso Deus para ali fazer habitar o seu nome*” (vers. 11). Os filhos de Israel deveriam levar suas ofertas e sacrifícios àquele lugar (Dt 12:5-6), celebrar suas festas anuais ali (Dt 16:2, 6, 11, 15-16), e ter seus problemas re-

solvidos pelos sacerdotes, levitas e juizes que estavam ali (Dt 17:8). No entanto é significativo o fato de que em todas as referências feitas em Deuteronômio sobre o lugar escolhido pelo Senhor, nunca é dito *onde* seria. À medida que a história de Israel se desdobra nas páginas da Palavra de Deus, aprendemos que este lugar seria Jerusalém (Sl 78:68; 1 Rs 11:13, 32, 36; 12:20; 14:21; 15:4 etc.). Em Deuteronômio não é feita menção sobre onde seria porque o Senhor queria que o Seu povo fosse exercitado em procurá-lo quando chegassem à terra. Do mesmo modo, no cristianismo nenhuma das passagens que vimos no Novo Testamento nos diz onde é o lugar -- este é um exercício para cada cristão. Isto está ilustrado no pedido que Pedro e João fazem ao Senhor: “*Onde queres que a preparemos?*” (Lc 22:9).

Existe um divino ‘Reunidor’ que leva os crentes ao lugar escolhido por Deus

Tendo estabelecido a partir das Escrituras que o *PLANO* de Deus é reunir o povo de Deus em um mesmo terreno, e que Ele possui um *LUGAR* onde gostaria de ter os Seus juntos, Mateus 18:20 indica que Ele tem o *PODER* de fazê-lo. Existe um divino Reunidor -- o Espírito Santo -- que leva os crentes exercitados nisto ao lugar da Sua escolha.

A quem mais o Senhor confiaria a tarefa de reunir o Seu povo ao Seu nome além do Espírito de Deus? Apesar de o Espírito não ser diretamente mencionado nesta passagem fica claro que Ele é o divino Reunidor. Isto é visto das palavras “*estiverem... reunidos*”. O Senhor não disse “onde dois ou três *se* reunirem”, como erroneamente aparece na NVI e outras versões modernas. “*Estiverem... reunidos*” é voz passiva e aponta para o fato de existir um

poder reunidor fora das próprias pessoas, o qual esteve envolvido na reunião delas sobre aquele terreno. Isto demonstra que o divino terreno de reunião não é uma associação voluntária de crentes. É verdade que devem existir vontade e exercício pessoal da parte daqueles que são reunidos pelo Espírito para que sejam encontrados ali no lugar onde Cristo está no meio, mas em uma última instância é Ele próprio quem reúne.

Entendo que a verdade da obra do Espírito representada nas palavras “*estiverem... reunidos*” tem sido grandemente contestada. Alguns tentam nos dizer que isto de ser obra do Espírito Santo é algo que só é ensinado pelos irmãos mais recentes, querendo com isto dizer que se trata de uma ideia nova. Outros procuram verificar no texto grego na tentativa de provar não ser assim. A verdade é que os escritos de C. H. Mackintosh, F. G. Patterson, J. A. Trench, H. Smith, além de muitos outros do século 20, já ensinavam que as palavras “*estiverem... reunidos*” realmente se referem à obra do Espírito Santo. Por exemplo, Hamilton Smith escreveu: “Para usar de uma ilustração simples, vejo uma cesta de frutas sobre a mesa. Como foi que elas chegaram ali? As frutas foram reunidas; não ficaram juntas por seu próprio esforço”. A palavra grega usada para “*reunidos*” é “*sunago*”, que significa literalmente “*juntar*” e poderia ser traduzida como “*juntamente direcionados*”, e tudo isso sugere um Reunidor. O dicionário grego de Strongs define que a palavra “*sunago*” (#4863) significa “*direcionar juntos*” ou “*coletar*”. O dicionário grego Vines define “*sunago*” como “*reunir ou trazer juntamente*”.

J. N. Darby escreveu: “Ele [Cristo] é o único centro de reunião. Os homens podem criar confederações entre si, colocando muitas coisas como alvo ou objeto de suas reuniões, mas a comunhão dos santos não pode ser co-

nhecida a menos que cada linha venha a convergir em direção ao Centro vivo [Cristo]. O Espírito Santo não reúne os santos em torno de meras opiniões sobre o que é a igreja, por mais que estas sejam verdadeiras, ou sobre aquilo que a igreja foi ou possa ser na terra, mas sempre reúne em torno daquela Pessoa bendita, que é o mesmo ontem, hoje e eternamente. *‘Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles’ (Mt 18:20)*”

Lucas 22:7-10 dá respaldo ao fato de que existe um divino Reunidor. Ali diz: *“Eis que, quando entrardes na cidade, encontrareis um homem, levando um cântaro de água; segui-o até à casa em que ele entrar”*. O Espírito de Deus é visto aqui na figura de *“um homem”* carregando um cântaro de água. Muitas vezes nas Escrituras o Espírito de Deus é visto como um homem anônimo trabalhando nos bastidores. Isto porque não é o objetivo do Espírito de Deus chamar atenção para Si mesmo (João 16:13-14), e esta é a razão pela qual Ele não é diretamente mencionado em Mateus 18:20. Ele não assume um lugar de proeminência no cristianismo, mas trabalha nos bastidores guiando as almas exercitadas àquele terreno bíblico onde Cristo está no meio dos que estão assim congregados. Neste caso Ele guiou os discípulos ao lugar escolhido pelo Senhor, onde eles poderiam estar com Ele para a ceia. A *“água”* nas Escrituras costuma significar a Palavra de Deus (Ef 5:26). Assim aprendemos que o Espírito de Deus usa os princípios da Palavra de Deus para guiar os crentes ao lugar escolhido pelo Senhor.

Homens bem intencionados têm procurado reunir o povo de Deus e só causaram problemas. Por ignorarem a verdade da reunião apresentada nas Escrituras, eles desviaram os cristãos para grupos e seitas denominacionais e os encorajaram a frequentar *“a igreja de sua escolha”*. O re-

sultado é que os crentes acabaram dispersos em mil direções. Isto certamente não é obra do Espírito Santo.

A conclusão lógica das Escrituras

Vamos agora reunir tudo e deixar que as Escrituras nos deem a resposta.

- Primeiro, Deus gostaria que todos os cristãos estivessem juntos em um só testemunho prático, mesmo que estivessem em muitas localidades diferentes na face da terra.
- Segundo, Deus tem um lugar e uma maneira -- uma posição ou terreno eclesiástico -- onde Ele gostaria que os cristãos expressassem esta unidade congregados para adoração e ministério, e para ações administrativas.
- Terceiro, existe um divino Reunidor (o Espírito de Deus) que exercita os crentes nestes princípios bíblicos de reunião e os encaminha a este lugar escolhido pelo Senhor.

A única conclusão lógica que podemos tirar destes princípios é que a presença do Senhor (no sentido coletivo da palavra, conforme temos falado -- Mateus 18:20) só poderia estar em um único lugar. Se isto for verdade, então o Senhor não poderia estar em todos os lugares onde os cristãos se reúnem -- mesmo que eles tivessem boas intenções. É algo bastante simples: se o senhor garantisse a Sua presença nos muitos lugares onde os cristãos se reúnem, Ele estaria sendo condescendente com essas falsas posições. W. Potter, respeitado por seu ensino das Escrituras, afirmou: "Suponha que hoje o Senhor agraciasse com Sua presença essas diferentes denominações. O que Ele estaria fazendo? Ele estaria sancionando aquilo que é contrário a Si mesmo. Ele não poderia fazer tal coisa".

Potter acrescentou: “Não se trata de meramente insinuar que o Senhor não está no meio de quaisquer outros irmãos reunidos. Ele definitivamente não está”.

Ora, isto pode soar extremamente limitado e exclusivista, mas se você estiver honestamente buscando a verdade não irá querer discutir com a Palavra de Deus. Lembre-se de que estas coisas não são ideias minhas; elas são a única conclusão cabível à qual as Escrituras nos conduzem. Se você acha que a verdade de reunir é muito exclusivista, deixe-me perguntar: “Quantas maneiras há para uma pessoa ser salva?”. Uma. O que você diria disto? Diria que é muito limitado e exclusivista? Não, porque é a verdade. A própria natureza do cristianismo é exclusivista; só existe uma forma de se nascer de novo, só uma maneira de ser justificado, somente um modo de ser reconciliado etc. Tudo o que posso dizer é que precisamos nos acostumar com a ideia, pois é esta a posição que assumimos por sermos cristãos -- toda a revelação cristã da verdade é exclusivista por natureza. Nós não pedimos desculpas pela verdade -- ela é o que é.

Ora, se acharmos que os cristãos que se reúnem para a adoração e o ministério em suas muitas divisões foram levados a fazerem isso pelo Espírito (como é o caso de Mateus 18:20), então o que estaríamos verdadeiramente dizendo é que o Espírito de Deus é o culpado pelas divisões que desonram a Cristo no testemunho cristão! Se o Espírito de Deus levou os vários grupos cristãos a se reunirem divididos uns dos outros, então Ele é o Autor de todas as divisões na cristandade! Nenhum cristão de sã consciência iria culpar o Espírito de Deus pelo triste e dividido estado do testemunho da igreja. Hamilton Smith escreveu: “Será que o Espírito Santo está reunindo a todos os grupos divididos e independentes que procuram se apossar da promessa de Mateus 18:20? Acreditar nisto

implica necessariamente colocar no Espírito Santo a culpa pelas deploráveis divisões e independência que desonram a Cristo. Será que esses múltiplos centros encontrados na igreja professa são um resultado da obra do ‘Espírito de verdade’ que veio para glorificar a Cristo? Longe de nós tal pensamento!”.

Alguém poderia argumentar: “Mas você está ensinando que existe apenas um grupo certo de cristãos, e que todos os outros estão errados. Dá a impressão de que *vocês* são os únicos certos!”. Mas espere um minuto; eu não disse isto. O que estou dizendo é que as Escrituras ensinam que existe um terreno divino de reunião -- apenas uma posição eclesiástica neste mundo que o Senhor sanciona com a Sua presença. *Eu não disse* que aqueles com quem tenho comunhão estão neste terreno, embora *eu acredite* que o Espírito de Deus nos tenha guiado a este lugar. A verdade do congregar não diz respeito às pessoas, mas ao fato de o Senhor possuir um centro de reunião. Existe sempre o perigo de mudar o foco *do Senhor* no meio, para *as pessoas* que o Espírito de Deus reuniu ali, e acabar dizendo que aquelas pessoas possuem a mesa do Senhor. Isto é um erro; nosso foco deveria estar em Cristo no centro. Lembre-se, nossa reunião é “*a Ele*” (Hb 13:13).

O modo de Deus produzir unidade entre o Seu povo sempre foi no sentido de estabelecer um ponto ou centro de reunião ao qual o Seu povo pudesse se dirigir.

- Nos tempos do *Antigo Testamento* o Senhor tinha um lugar onde Sua presença estaria, ao qual o Seu povo deveria se dirigir (Dt 12:5-7);
- Nos tempos do *Novo Testamento (cristãos)* Ele estabeleceu um lugar onde Ele está no meio (Mt 18:20; 1 Co 5:4), onde o Espírito de Deus reúne os crentes;
- Nos tempos do *Milênio* Ele também terá um lugar onde irá reunir os Seus santos daquele período (Sl 50:5;

Ez 48:35).

Em cada dispensação o centro é sempre o próprio Senhor. A título de ilustração, suponha que exista uma gigantesca roda de bicicleta com raios, onde o Senhor estivesse no eixo da roda e cada crente estivesse sentado em um raio no ponto onde ele encontra o aro. Naquela posição os crentes estariam a certa distância uns dos outros e do Senhor. Mas se cada pessoa deslizesse pelo raio em direção ao eixo, quanto mais próxima estivesse do eixo, mais próximas as pessoas estariam umas das outras. Assim é no modo de Deus proceder; Ele produz unidade entre o Seu povo estabelecendo um ponto de reunião ao qual Ele reúne o Seu povo.

É triste admitir, mas entre os santos reunidos pode ocorrer existirem alguns que tenham se manifestado com um espírito arrogante, dando a impressão de que “somos os únicos certos”. Isto só prova que é possível estar em uma *posição correta* (eclesiasticamente), mas em uma *condição errada* (espiritualmente). Como já foi mencionado, o orgulho da posição é uma das razões pelas quais o Senhor nos reduziu numericamente (Sf 3:10-11). Mas isto não altera o fato de que Deus tem um centro de reunião; apenas significa que alguns daqueles que estão neste centro podem estar em uma condição errada.

Deus gostaria que agíssemos conforme nossas convicções, quando guiados pelo Senhor. “*Cada um esteja inteiramente seguro em sua própria mente*” (Rm 14:5). No que me diz respeito, creio que o Senhor está aqui no meio, mas *não me gloriarei* de estar reunido no centro de Deus, pois isto estaria totalmente fora de um espírito cristão. A graça e humildade genuínas não colocam as pessoas em evidência, como se fossem alguma coisa; aqueles que o Senhor tem reunido não são coisa alguma em si mesmos. Não se trata de presunção ou orgulho crer

na verdade e agir baseado nela. O nome disto é fé.

As divisões entre aqueles que mantêm a verdade da reunião

O que dizer daqueles que têm estado no divino centro de reunião, porém se dividiram formando outra comunhão de reuniões? No que diz respeito às práticas, eles continuam se reunindo como fazemos. Estariam eles reunidos ao nome do Senhor e teriam Sua presença em seu meio no sentido coletivo do qual estamos falando aqui?

A resposta mais breve é não. Aqueles que saíram do centro de reunião em uma divisão não poderiam mais estar reunidos ao nome do Senhor. Mesmo que eles exteriormente e no modo de reunir pareçam ser a mesma coisa daqueles que estão no centro, isto não basta para se ter a sanção do Senhor. É possível congregar em conformidade com o padrão bíblico para os cristãos e ao mesmo tempo fazer isto de vontade própria. Do mesmo modo como acontece com uma igreja denominacional, uma divisão assim entre o povo de Deus não tem a aprovação do Senhor. Na verdade, aqueles que abandonam o centro divino de reunião e organizam uma divisão seriam mais responsáveis por seus atos do que os que estão nas denominações, pois tiveram um volume consideravelmente maior de luz. Os homens podem criar mais de uma expressão da verdade do único corpo estabelecendo uma mesa em divisão, mas o Espírito Santo não os guiaria a fazê-lo. Cristo não tem um só corpo na prática e muitos corpos em testemunho. O apóstolo Paulo perguntou: *“Está Cristo dividido?”*. O termo *“Cristo”* usado nas epístolas de Paulo denota a união de Cristo dos membros de Seu corpo. Paulo estava indicando aos Coríntios que tal união não pode ser dividida na prática, e tampouco deveria ser

assim no testemunho -- que é o que estava acontecendo em Corinto.

Portanto, à luz do que as Escrituras ensinam, não cremos que o Espírito de Deus iria reunir cristãos em várias comunhões (ou federações de comunhões) sem que tais grupos estivessem em comunhão uns com os outros, mesmo que exteriormente parecessem iguais. Se o Espírito Santo fizesse assim estaria entrando em contradição com a própria Verdade na qual Ele quer que os cristãos estejam. W. Potter escreveu, “O Espírito de Deus não reúne em reuniões separadas; se Ele nos reunir, a consequência disto é que eu e você estaremos em comunhão um com o outro”.

Nas Conferências de Ottawa (Abril de 1987) foi apresentado o seguinte exemplo: “Se fôssemos voltar ao início -- ao dia de Pentecostes -- quando o Espírito de Deus desceu e uniu aquelas 120 pessoas em um corpo, e todas elas reunidas ao Nome do Senhor Jesus Cristo, suponha que Pedro tivesse um desentendimento com João e ambos decidissem formar duas comunhões separadas. Então haveria um grupo que seguiria Pedro e outro que seguiria João. Poderíamos dizer que o Espírito guiaria alguns a ir para um grupo, e outros para ir ao outro? Ou que o Senhor estaria aprovando ambos? Não cremos que o Senhor aprovaria ambas as comunhões com Sua presença no meio deles, pois se assim fizesse Ele estaria na prática sendo condescendente com a divisão na igreja. Se fizesse assim Ele seria o Autor da confusão”. J. N. Darby escreveu: “Se existir uma assembleia local, e outra for estabelecida pela vontade do homem independente da primeira, somente a primeira será, aos olhos de Deus, moralmente *a assembleia* de Deus, e a outra não será, pois terá sido estabelecida em independência da unidade do corpo”.

Muitos grupos cristãos irão professar estarem congrega-

dos ao nome do Senhor. Alguns chegarão a colocar uma placa na frente de seus salões de reunião proclamando serem eles os santos que o Senhor reuniu. Mas será que isto significa que são? Potter escreveu: “As pessoas dizem, ‘Estamos reunidos ao nome do Senhor’. Então vamos ver se você realmente está. Como foi que você passou a congregar ao nome do Senhor?” Se você colocar à prova os grupos divididos entre os chamados *irmãos reunidos ao nome do Senhor* irá descobrir que existe uma razão para estarem divididos. Potter escreveu: “Se existirem dezenas de reuniões [em uma cidade], devemos procurar saber a origem delas”. E continua: “Qual é a origem de tal e tal reunião? Por que estão separadas das outras? Será bíblica a posição que ocupam?”.

Temos notado que cada grupo divergente que abandona os santos reunidos em uma divisão deixa de lado a verdade de que existe um divino centro de reunião; são obrigados a fazer isto a fim de justificarem sua posição divergente. Um exemplo foi quando Samuel Ridout (que saiu em uma divisão) foi questionado da razão de os irmãos com os quais ele estava terem apoiado Grant naquela divisão, e ele respondeu: “Em 1884 muitos de nós, antes da divisão, tínhamos um pensamento em comum de que **NÓS** tínhamos exclusivamente a Mesa, e por isso não deixávamos de estar em torno dela um dia sequer. Acredito que aquilo tinha a ver com a compulsão de partir o pão sem interrupção na Rua Craig, em Montreal”. Alguns meses mais tarde ele escreveu outra carta sobre o que acreditava ser e caracterizar a mesa do Senhor, dizendo que “nenhum grupo pode reivindicar ter sua posse exclusiva”. Aqui Ridout admite que eles *costumavam* professar a verdade de uma única mesa do Senhor, mas acabaram abrindo mão disso. Repare também que Ridout disse, “um pensamento em comum...”. Sim, a verdade de um único centro de reunião era aceita *em comum* entre os

irmãos. O que ele está dizendo descaradamente é que os irmãos de um modo geral estavam perdidos a este respeito, e foi só depois que ele e seu partido saíram em uma divisão que puderam aprender a verdade!

Mais uma vez uma citação de uma publicação de 1914 de Grant, “The Gleaner” (“O Respigador”), diz: “Talvez o que pesa mais do nosso lado da balança, se é que podemos fazer tal comparação quando tratamos de coisas tão vitais e preciosas, é a verdade de que nenhum grupo de cristãos, e nem sequer nós mesmos, pode reivindicar um monopólio da mesa do Senhor, ou de estar reunido ao Nome do Senhor. Se esta verdade tivesse sido conhecida há trinta anos, talvez a divisão tivesse sido evitada”. Mais uma vez temos indivíduos que antes professavam a verdade de um único centro de reunião reconhecendo que a deixaram de lado. Após terem abandonado a verdade de um único centro de reunião eles consideram uma grande “verdade” o erro que adotaram.

Napoleon Noel, após ter saído em uma divisão, declara em seu livro “The History of the Brethren” (“A História dos Irmãos”), vol. 2, pág. 658, que “nenhum grupo de cristãos pode ter a posse exclusiva do próprio Senhor. Reivindicar tal coisa seria pura intolerância”. Muitas citações semelhantes poderiam ser acrescentadas aqui, mas estaríamos sendo redundantes.

Para deixarmos bem claro o que afirmamos é preciso perguntar: “Seria possível encontrar alguém dentre aqueles que saíram na divisão de Perth (1992) que afirme existir um centro divino de reunião na terra, e que a mesa do Senhor só poderia estar nesse *único* lugar?”. Deixando de lado a divisão Raven -- que envolve blasfêmia -- não acredito existir uma divisão entre os irmãos que afirme existir um centro divino de reunião. A questão é simples: não podem existir duas ou mais mesas do Senhor. Não

podem existir duas ou mais comunhões de cristãos na terra com as quais o Senhor Se identifique como sendo o divino centro de reunião, mesmo que exteriormente possam congregar de maneira similar. Se Ele assim fizesse estaria sendo condescendente com a divisão na igreja.

Para aqueles que têm estado reunidos ao Seu Nome existe sempre o perigo de serem desviados deste terreno pelo inimigo, e quando isto acontece, tais pessoas se transformam nas mais ferozes oponentes da verdade da reunião. Antes de sua morte J. N. Darby detectou entre os irmãos uma degradação geral da profissão desta verdade do único centro de reunião. Ele escreveu: “Grande parte do conflito coletivo é com a deliberada falta de compreensão da verdade de Cristo como o único centro de reunião. Ninguém é mais resolutamente contrário a esta verdade do que aquele que a conhece, porém não a pratica”.

A verdade do único lugar não é uma nova doutrina

Todas as coisas que dizem respeito ao único centro de reunião não são ideias novas que tenham surgido recentemente (como alguns costumam insinuar). Decidi citar de propósito irmãos de outras gerações para demonstrar que não são novidades. O irmão Potter viveu nos séculos dezenove e vinte! O mesmo pode ser dito de Hamilton Smith. J. N. Darby viveu antes deles. São coisas que os irmãos reunidos ao nome do Senhor têm mantido e praticado por muitos anos.

Se não estivermos confortáveis com estes princípios sobre os quais os “santos reunidos” estão congregados, precisamos nos perguntar a razão de seguirmos com eles. Por favor, não me interprete mal, não estamos tentando

expulsar ninguém, mas apenas estabelecendo o fato de que alguns são terrivelmente incoerentes quando assumem um lugar entre os santos reunidos e mesmo assim não creem na verdade da obra do Espírito em reunir ao único Centro, Cristo.

O centro de reunião de Deus na terra nos dias de hoje

Portanto, será que existe um centro de reunião para os cristãos na terra? Sim, as Escrituras ensinam que existe. Onde ele está? A tarefa de vocês é buscá-lo. A resposta para a pergunta “Quem possui a mesa do Senhor” só pode ser “O Senhor”! A mesa é dele, e Ele está guiando a ela os crentes que têm este exercício. Deus quer que estejamos exercitados a respeito deste assunto e que procuremos saber a Sua vontade para sermos guiados por ela, assim como Pedro e João perguntaram ao Senhor “*onde*” era aquele lugar em sua época (Lucas 22:9). “*A glória de Deus é encobrir as coisas, mas a glória dos reis é esquadrihá-las*” (Pv 25:2).

* * * * *

RESUMINDO: Se o Senhor possui um centro de reunião na terra, então Ele só poderia estar em um lugar -- em uma posição eclesiástica. Se o Senhor estivesse no meio de todos os grupos cristãos, sancionando suas posições em sentido coletivo (Mt 18:20), então Ele seria o Autor das muitas tristes divisões existentes no testemunho público da igreja. Isto é algo que Ele não faria, pois seria negar a verdade de que só existe um centro de reunião: a própria Pessoa de Cristo.

* * * * *

CAPÍTULO 6

PERGUNTA: *Como este pode ser o lugar correto quando existe toda sorte de coisas erradas acontecendo? Há disputas, divisões, mundanismo etc. Se o Senhor estivesse verdadeiramente no meio Ele não permitiria que tais coisas acontecessem.*

RESPOSTA: O problema é que transformamos a tolerância para com o mal em uma assembleia no critério para julgar se ela está ou não reunida no terreno correto. Certamente entendemos como alguém pode chegar a tal conclusão: eu e você naturalmente acharíamos que se o Senhor estivesse verdadeiramente no meio de um determinado grupo de cristãos, ali não existiriam problemas. Ele não permitiria que aquele grupo seguisse adiante, pois se o fizesse estaria sendo condescendente como o erro -- o que Ele não faria.

Bem, não somos os primeiros a levantar tal questão. Há muito tempo Gideão perguntou: “Ah, Senhor... se o Senhor está conosco, por que aconteceu tudo isso?” (Jz 6:13). Tal questão resulta de uma falsa premissa. A verdade é que o Senhor está no meio dos “santos reunidos” para sancionar esse *terreno eclesiástico*, o que não significa que Ele esteja sancionando a *condição* dessas pessoas. As Escrituras fazem distinção entre as duas coisas, e precisamos fazer o mesmo. Se nós as enxergarmos como uma coisa só, acabaremos chegando a conclusões equivocadas. Isto vale também para a vida pessoal e a vida em assembleia. Por exemplo, como crentes, o Senhor está conosco o tempo todo no sentido individual (Mt 28:20; Hb 13:5), mas não podemos concluir que Ele aprove tudo

o que fazemos. E, evidentemente, o mesmo ocorre com a assembleia.

Isto está ilustrado em Malaquias. Como você sabe, Malaquias teve o solene dever de entregar a última mensagem de Deus ao Seu povo terreno -- os judeus -- antes da vinda do Senhor. Nos dias de Malaquias o povo estava na *posição* correta, porém na *condição* errada. Havendo retornado da Babilônia para Jerusalém, o centro divino daqueles dias, eles estavam no lugar correto. Por isso contavam com a presença do Senhor “*com*” eles (Ag 2:4-5). Mas eles estavam na condição errada, e por isso Malaquias foi enviado para exercitar o povo a este respeito. Podemos pensar em como o Senhor poderia habitar entre eles quando existia ali toda sorte de coisas erradas acontecendo, mas a razão é que a presença do Senhor com o Seu povo (coletivamente) não significa que Ele esteja aprovando sua condição.

No Novo Testamento encontramos a mesma coisa. As condições na assembleia em Corinto eram deploráveis. Existia todo tipo de coisas ruins acontecendo ali -- divisões, fornicação, má doutrina e outras que abalavam os fundamentos da fé. Mesmo assim o apóstolo Paulo escreveu dirigindo-se a eles como “*a igreja de Deus*”. Eles continuavam a ser reconhecidos como uma assembleia “*de Deus*”, no que diz respeito ao terreno que ocupavam. Deus os reconhecia assim. No capítulo 5 Paulo afirma que quando “*reunidos*”, era “*com o poder de Jesus, nosso Senhor*” que eles eram vistos. De acordo com Mateus 18:18-20 este poder ou autoridade só é possível com o Senhor estando no meio. Portanto, aquela assembleia não apenas era reconhecida por Deus, mas o Senhor estava em seu meio. Repare que ali não diz “Onde dois ou três, em boas condições, estiverem reunidos... aí estou eu no meio deles”. Não se trata de algo condicional.

Mais uma vez nos questionamos como o Senhor poderia mesmo assim se identificar com uma assembleia que estivesse tão errada. A questão é que o Senhor não aprovava o mal em Corinto; Ele não iria suportá-lo indefinidamente, pois se assim o fizesse estaria passando uma mensagem equivocada para a comunidade. Mas o ponto da carta de Paulo é que o Senhor estava dando a eles a chance de se arrependerem. Cedo ou tarde o apóstolo precisaria agir em nome do Senhor e tratar em juízo com aquela assembleia, caso eles não se corrigissem (1 Co 4:21; 2 Co 1:23). Como você sabe, o aviso dado na primeira epístola foi recebido, e os santos em Corinto se arrependeram e corrigiram as coisas que estavam erradas (2 Co 7:6-16). Isto demonstra que o Senhor não remove o candeeiro rapidamente de um lugar, mas dá a chance de arrependimento quando as coisas estão erradas (Ap 2:21). É interessante notar que em Apocalipse 2:5 a palavra “*brevemente*”, que aparece na versão Almeida Corrigida, não consta do texto original grego. Ali deveria estar simplesmente “*A ti virei, e tirarei do seu lugar o teu castiçal, se não te arrependeres*”.

A partir da falsa premissa de que o Senhor não poderia estar no meio de uma assembleia que estivesse praticando o erro vem a ideia de que nós deveríamos abandoná-la em razão de sua condição ruim. O argumento é que, se o Senhor não está ali, nós também não deveríamos estar, pois não gostaríamos de estar onde o Senhor não está no meio. Alguns que queriam abandonar a assembleia de qualquer maneira usaram este falso argumento como uma desculpa conveniente para uma saída rápida. A velha ladainha é: “O mal está aqui e o Senhor certamente não quer que eu esteja em comunhão com o mal!”.

O erro está em imaginarmos que exista um determinado grau de problemas e males que possa ser tolerado em

uma assembleia, e que se esse limite for ultrapassado a assembleia, de algum modo, perderá misticamente seu status de estar reunida sobre o terreno divino. Já que cada um tem uma ideia diferente de que grau seja esse, fica para cada um decidir quando é que ele acha que a assembleia já não está verdadeiramente congregada ao nome do Senhor. Isto nos faz lembrar da época quando os juízes governavam. No final daquele livro diz: *“Naqueles dias não havia rei em Israel; porém cada um fazia o que parecia reto aos seus olhos”* (Jz 21:25). É triste admitir, mas coisas assim levam à confusão.

Muitos têm perguntado: “Quando é que uma pessoa deveria abandonar uma assembleia?” A resposta é simples: você sai quando o Senhor sair. Mas quando é que isto acontece? Nos dias dos apóstolos seria quando a assembleia deliberadamente se recusasse a corrigir seus erros e um apóstolo fosse obrigado a tratar do assunto com seu juízo apostólico e agindo pelo Senhor (1 Co 4:21; 2 Co 1:23). Hoje seria quando outra assembleia reunida ao nome do Senhor, depois de muita insistência e paciência, deixasse oficialmente de reconhecer aquela como sendo uma assembleia congregada sobre o terreno divino. Esta seria uma decisão tomada em nome do Senhor (Mt 18:18-20).

Se acharmos que devemos deixar uma assembleia por causa de certas coisas que ocorrem ali, mesmo ela não tendo sido formalmente repudiada por outra assembleia reunida ao nome do Senhor, estaremos fazendo algo à revelia do Senhor. Seria o mesmo que dizer que somos mais santos que o próprio Senhor. Se Ele ainda pode estar no meio de uma assembleia em erro (ainda que entristecido por causa da condição dela), nós também podemos permanecer ali.

O que podemos fazer até que o problema seja corrigido,

ou a assembleia seja repudiada, é “chorar” por causa do péssimo estado da assembleia. Pode ser que o Senhor interfira em uma ação administrativa e trate do problema ou das pessoas envolvidas com o erro (1 Co 5:1-2). Mas as Escrituras não indicam que devamos deixar uma assembleia por causa de sua condição ruim. W. Potter escreveu: *“Suponha que esta assembleia tenha chegado a uma condição deplorável. O que devemos fazer é nos humilharmos diante do Senhor, e não sairmos dela... Se o Espírito de Deus nos reuniu ao nome do Senhor, não ousaríamos abandonar esta posição até termos a Palavra de Deus neste sentido”*.

A terceira epístola de João nos dá luz a este respeito. As condições na assembleia local onde Gaio morava eram terríveis -- para dizer o mínimo. Um ancião naquela assembleia (Diótrefes) havia deixado seu papel de guiar, cuidar e apascentar o rebanho para assumir o controle da assembleia, e governá-la de modo carnal. Ele agia como uma locomotiva desgovernada. O resultado era que muitos acabavam machucados por sua brutalidade e seu modo egoísta de ser (veja Jeremias 10:21). Os seis males de Diótrefes eram:

- Ele amava a preeminência, havendo assumido o exclusivo controle da assembleia.
- Ele censurou uma carta do apóstolo João endereçada à assembleia.
- Ele acusava injustamente os apóstolos com palavras maliciosas.
- Ele se recusava a receber obreiros que viajavam trabalhando na Palavra e na doutrina.
- Ele impedia os que queriam receber os obreiros.
- Ele excomungava as pessoas injustamente.

Poderíamos perguntar: “Em tais condições, o que poderí-

amos fazer?” (Sl 11:3). Você irá reparar que existem duas coisas que são notórias por sua ausência na epístola: *Primeiro*, João não diz a Gaio para abandonar a assembleia por causa das coisas terríveis que estavam acontecendo ali. João não disse a ele: “Gaio, você não precisa aguentar isso; simplesmente pegue suas coisas e saia”. Não, aquela não era uma opção. *Segundo*, João não diz a Gaio para reunir Demétrio e alguns outros irmãos dali e colocarem aquele homem fora de comunhão (excomungarem). Não que aquilo não devesse ser feito -- teria sido a coisa certa a fazer. Mas esta epístola aborda a questão em uma assembleia quando as condições haviam chegado a tal ponto que não existia qualquer poder para lidar com o mal. (Sendo esta uma “terceira” epístola, ela apresenta condições que haviam se desenvolvido a partir do que é encontrado nas “segundas” epístolas). De nada adiantaria lutar contra Diótrefes, pois aqueles que tentaram fazê-lo acabaram eles próprios fora de comunhão! Portanto, tentar excomungá-lo não era uma opção.

Quando as coisas chegam a tal ponto em uma assembleia, esta epístola nos mostra que ainda existe um recurso -- o próprio Senhor. Sendo Ele a Cabeça da igreja, naquela época Ele podia enviar um apóstolo para lidar com o problema. Isto é visto nas palavras de João: “*Se eu for, trarei à memória as obras que ele faz*” (vers. 10, 14). João planejava ir àquela assembleia e tratar com Diótrefes em juízo apostólico. Seria uma intervenção divina, pois sua ação como apóstolo seria na realidade uma extensão da autoridade do Senhor. Hoje não existem apóstolos na terra para intervirem em nome do Senhor desta maneira, mas o Senhor pode ainda intervir administrativamente -- em uma maneira providencial -- em situações difíceis nas assembleias. Talvez isto, em nossos dias, seria o equivalente à ida de João naquele tempo. Assim como Gaio e todos os santos que estavam passando por um exercício

semelhante naquela assembleia, devemos aguardar o Senhor agir no Seu devido tempo.

Enquanto isso João disse a Gaio: *“Amado, não sigas o mal, mas o bem”*, ou seja, não caia no mal de Diótrefes. Parece que o apóstolo se antecipou à dúvida que Gaio poderia ter, de como agir na difícil situação pela qual a assembleia passava, por isso João aponta para Demétrio. *“Todos dão testemunho de Demétrio, até a mesma verdade”*, como se estivesse dizendo, *“ele é o exemplo que você deve seguir”*. Isto é maravilhoso. *“Todos”*, inclusive Diótrefes! Isto significa que Demétrio vivia de tal maneira que tinha um bom testemunho até de Diótrefes. Todavia João acrescenta: *“até a mesma verdade”*. Isto indica que Demétrio não havia comprometido nem um pouco a verdade. Significa que ele havia encontrado uma maneira de seguir adiante na presença de Diótrefes e ainda assim viver de modo a agradar ao Senhor. Isto nos mostra que existe uma maneira de seguirmos em frente, mesmo nas circunstâncias mais difíceis em uma assembleia. A solução está em não abandoná-la.

RESUMO: A existência de problemas ou do mal em uma assembleia não significa que aquela assembleia não esteja sobre terreno divino, mas que está em uma condição ruim. Se uma assembleia continuar no erro, ela eventualmente acabará formalmente repudiada e não estará mais reunida ao nome do Senhor. Enquanto isto não acontece, o Senhor continuará em seu meio, ainda que certamente entristecido por aquela condição deprimente. Nossa responsabilidade é permanecer ali até o Senhor intervir para corrigir as coisas, ou até que aquela assembleia seja formalmente deixada de lado.

CAPÍTULO 7

PERGUNTA: *Como uma decisão pode ser considerada “decisão de assembleia” quando muitos na assembleia não concordam com ela?*

RESPOSTA: Talvez eu devesse fazer alguns comentários sobre como é formulada uma “decisão de assembleia” antes de responder esta pergunta. Quando os problemas surgem e se faz necessário um julgamento ou ação administrativa para algo relacionado à assembleia, os irmãos responsáveis se reúnem à parte da assembleia para entenderem melhor os fatos e buscar nas Escrituras como a assembleia deve agir. Este princípio é encontrado em Atos 15. Embora o que vemos em Atos 15 não seja exatamente uma reunião de irmãos, como costumamos chamar, já que ali era uma reunião de irmãos de diversas localidades, a passagem estabelece o princípio de que os assuntos podem ser examinados por irmãos responsáveis à parte da assembleia como um todo. Ali diz: *“Congregaram-se, pois, os apóstolos e os anciãos para considerar este assunto”* (At 15:6). Repare que as irmãs, irmãos jovens e novos convertidos não são mencionados como participando da reunião. As coisas não devem ser todas discutidas em detalhe perante toda a assembleia, pois podem ocorrer alguns debates (At 15:7) que não ficariam bem em uma reunião pública. Além disso, há coisas que são tratadas que poderiam contaminar e não serem apropriadas em uma circunstância assim (1 Co 14:40).

O modo normal de o Senhor guiar bíblicamente a assembleia em suas responsabilidades administrativas é por meio daqueles que *“presidem”* (1 Ts 5:12-13; Hb 13:7, 17, 24; 1 Co 16:15-18; 1 Tm 5:17). Presidir ou liderar nestas questões não se refere a liderar no ensino ou pregação

pública, mas nas coisas administrativas da assembleia. Confundir estas duas coisas é não entender a diferença entre dom e ofício. Alguns daqueles que “*presidem*” podem nem sequer ensinar publicamente, mas é muito bom e proveitoso quando eles o fazem (1 Tm 5:17). Estes homens devem conhecer os princípios da Palavra de Deus e estarem capacitados a apresentá-los de modo que a assembleia possa entender o curso de ação que Deus gostaria que ela tomasse no caso em tela (Tt 1:9). Estes homens não se elegem a si mesmos para este papel, mas são levantados pelo Espírito Santo para tal obra (At 20:28). Eles serão reconhecidos pela assembleia como pessoas que têm se dedicado ao cuidado dos santos e também pelo conhecimento que têm de princípios, sendo reconhecidos como aptos em sua experiência e capacidade de julgar.

Há três palavras gregas usadas nas epístolas para descrever estes líderes responsáveis na assembleia local.

- A primeira, “*anciãos*” (*Presbuteroi*) refere-se àqueles de idade avançada e implica maturidade e experiência. Todavia, nem todos os homens mais velhos na assembleia atuam necessariamente como líderes (1 Tm 5:1; Tt 2:1-2).
- A segunda é “*bispos*” (*Episcopoi*), que tem o sentido de supervisores e se refere ao trabalho que fazem, que é o de pastorear o rebanho (At 20:28; 1 Pe 5:2), zelando pelas almas (Hb 13:17) e admoestando (1 Ts 5:12).
- A terceira é “*guias*” (*Hegoumenos*), que tem o sentido de líderes e se refere à sua capacidade espiritual de liderar os santos.

No livro de Apocalipse aqueles que têm este papel são chamados de “*estrelas*” e também de “*o anjo da igreja em [localidade]*” (Ap 1-3). Como “*estrelas*” eles devem agir como portadores de luz para a assembleia local,

dando testemunho da verdade de Deus (os princípios de Sua Palavra), e provendo luz sobre os diversos assuntos com os quais a assembleia possa ser confrontada. Isto está ilustrado em Atos 15. Apesar de ali a ação não se referir exatamente ao ligar e desligar, podemos aprender princípios valiosos de sua função administrativa na igreja. Depois de escutarem do problema que estava afligindo a assembleia, Pedro e Tiago lançaram luz sobre o assunto. Tiago aplicou um princípio da Palavra de Deus e deu sua opinião quanto àquilo que ele cria que o Senhor gostaria que fizessem (At 15:15-21). Atuando como “*o anjo da igreja*” aqueles que tinham este papel devem servir de mensageiros para levar o pensamento de Deus à assembleia na hora de uma decisão ser tomada. Isto é também ilustrado em Atos 15:23-29.

Quando estes irmãos sentem que têm discernimento de qual seja a vontade do Senhor baseada nas Escrituras, com respeito ao que a assembleia deve fazer em uma situação em particular, então eles apresentam os fatos e as conclusões bíblicas diante da assembleia (não necessariamente os detalhes, pois estes poderiam contaminar outros), de modo que a consciência de todos possa ser exercitada no assunto (At 15:22). Então aquela é uma decisão “ligada” ou ratificada (Mt 18:18-20). É chamada de “*decisão de assembleia*” porque ela foi tomada *em assembleia*, isto é, quando a assembleia se reuniu como tal, tendo o Senhor em seu meio, e por ser assim uma decisão válida (1 Co 5:4). Não significa que seja uma decisão com a qual todos na assembleia concordem.

Alguém perguntou: “Quem é que decide o que deve ou não ser apresentado à assembleia para ser decidido?”. Nossa resposta é: *o Senhor*. Ele é a Cabeça da igreja e a assembleia deve buscar a direção dEle (Cl 2:18). Os irmãos responsáveis podem ter de analisar uma questão

para obter os fatos, mas uma vez que estejam certificados daquilo é a Palavra de Deus que decide o que deve ser feito.

Alguns acham que os irmãos devem simplesmente formular uma proposta para a assembleia, e quando a trouxerem diante da assembleia caberá a esta decidir por maioria. Esta ideia não passa de democracia. Apesar de existir alguma verdade nisto, os irmãos que assumem a liderança são responsáveis por se certificarem de que a assembleia esteja sendo guiada em um curso de ação fundamentado na Bíblia, independente de todos concordarem ou não. Se não fosse assim, o julgamento piedoso e bíblico de irmãos mais velhos e responsáveis (que entendem os princípios e sabem que caminho tomar) poderia ser neutralizado pelas irmãs, pelos menos experientes e também por pessoas com sentimentos partidários. Deste modo o julgamento bíblico ficaria sujeito àqueles com menor experiência ou discernimento, ou que não fossem imparciais quanto aos assuntos da assembleia. Algo assim obviamente não seria correto. Alguns parecem pensar que os irmãos não poderiam agir até receberem um “OK” dessas pessoas, mas isto equivaleria ao povo controlar seus líderes, o que é a raiz da democracia. Muitos tropeçaram nisto quando os anciãos procuraram levar adiante um julgamento bíblico enquanto alguns discordavam da ação.

Isto não significa que os anciãos tomem decisões administrativas na assembleia sem que os demais santos possam opinar. É possível que irmãos mais novos venham a ter a mente do Senhor em uma determinada questão quando os irmãos mais velhos a deixaram passar (Jó 32-33). Em casos assim os irmãos mais velhos deveriam aceitar de bom grado a luz lançada sobre a questão, e que talvez eles não tivessem percebido. Mas na vida normal

da assembleia são os irmãos mais velhos e experimentados que compreendem os princípios envolvidos e que têm sobre si o peso moral nestas questões de assembleia.

Nada pode ser oficialmente decidido sem que a assembleia tenha a oportunidade de ter sua consciência exercitada com o assunto, e é por isso que os anciãos procuram atingir a consciência de todos na assembleia ao exporem o assunto a eles (At 15:22). Os irmãos que lideram deveriam ser sensíveis a qualquer objeção legítima que outros na assembleia possam levantar. Mas no final serão eles os responsáveis, como “o anjo” da igreja, por agirem para a glória de Deus (Ap 2-3). Mas não será uma decisão tomada pela assembleia até que seja feita *em assembleia*, naquilo que às vezes é chamado de reunião para disciplina (Mt 18:19-20; 1 Co 5:4).

Ao formularem as questões para decisão da assembleia, os líderes responsáveis devem procurar tocar a consciência de todos na assembleia local, de modo que todos possam ser exercitados no assunto. Todavia a assembleia pode não agir segundo a consciência de alguns. Como já foi mencionado, isto ocorre porque estes talvez sejam novos na fé e suas consciências podem não estar suficientemente iluminadas por princípios bíblicos para serem capazes de formar um juízo correto. Pode ser o caso também de existirem pessoas mundanas e sem discernimento espiritual entre os irmãos, ou serem tendenciosas em relação à questão. Em todo caso, o julgamento de pessoas assim deve ser descartado. As Escrituras não exigem que se busque a satisfação de todos na assembleia para que uma decisão seja acertada.

Nestes últimos dias, quando a vontade do homem está cada vez mais evidente em sua tentativa de prevalecer na igreja, não podemos esperar obter unanimidade nos julgamentos feitos pela assembleia. Foi o que aconteceu no

juízo ocorrido em Corinto. Em 2 Coríntios 2:5 diz: “*Se alguém me contristou, não me contristou a mim senão em parte [...] a vós todos*” (A versão J. N. Darby coloca em dúvida a originalidade das palavras entre chaves). Aparentemente nem todos na assembleia em Corinto ficaram contristados com o pecado que havia no meio deles. Apesar disso, mesmo assim a assembleia levou adiante a ação para a glória de Deus.

Ao lidar com uma situação de heresia será muito raro -- ou até impossível -- obter a aprovação da pessoa que a assembleia está julgando. Além disso, seus familiares e amigos podem protestar, portanto dificilmente se conseguirá unanimidade. J. N. Darby escreveu: “A unanimidade é absurda, é uma negação do poder e da operação do Espírito, e claramente contrária à Palavra de Deus. Primeiro, ela é absurda porque até a questão ter sido decidida a pessoa que está sendo acusada faz parte da assembleia, e você não vai conseguir convencê-la a julgar-se a si mesma guiada pelo Espírito”.

Ocasionalmente decisões foram tomadas pela assembleia quando alguns poucos irmãos não estavam presentes na reunião de irmãos ou na reunião da assembleia, quando a decisão foi tomada. Isso levou alguns a pensarem que aquela não poderia ter sido uma decisão válida da assembleia e ratificada no céu. O argumento destes era: “Mas os irmãos não estavam todos presentes para decidir!”. Mais uma vez isto não passa de uma ideia democrática. A assembleia agindo dentro de sua capacidade administrativa sem que todos estejam presentes não é uma ideia estranha às Escrituras. Vemos o princípio registrado em 1 Coríntios 15:5, em conexão com o ofício do apóstolo. Ali diz: “*E que foi visto por Cefas, e depois pelos doze*”. Quando comparamos a passagem com Lucas 24:34-48 e João 20:19:24 descobrimos que quando o Se-

nhor apareceu a eles estavam presentes apenas dez dos apóstolos, todavia eles são chamados de “os doze”. Judas havia se enforcado e Tomé não estava ali. De acordo com Atos 1, Matias ainda não fazia parte dos “doze”. A sua escolha não aconteceu senão *depois* de o Senhor ter completado todas as suas aparições como ressuscitado (nos 40 dias) e ter subido aos céus. Todavia, aqueles reunidos são, mesmo assim, chamados de “os doze”. Disto aprendemos que “os doze” é um termo usado para designar o ofício administrativo que eles exerciam e a autoridade que tinham para agirem como tal. Nas epístolas aos Coríntios, onde a função e ordem da assembleia nos são apresentadas, o princípio ensinado ali está bem de acordo. Também é digno de nota que as aparições do Senhor às mulheres não são citadas em 1 Coríntios 15, pois a administração da assembleia é dada aos irmãos responsáveis. Isto demonstra que a assembleia, quando age em sua capacidade administrativa, não precisa contar com a presença de todos para que suas decisões sejam tomadas. A assembleia *não* é uma instituição democrática que toma suas decisões por meio de voto majoritário, permitindo que cada pessoa participe da decisão com respeito ao assunto envolvido. Uma vez escutamos um irmão mais jovem dizer: “Eu tenho tanto direito de me expressar aqui quanto *ele*”, referindo-se a um irmão mais velho e sério, que havia se dedicado ao cuidado da assembleia por 50 anos. Fomos obrigados a dizer ao jovem que aquilo não era assim. Existe uma coisa chamada ‘peso moral’, e isto é obtido por meio de anos de caminhar em fidelidade ao Senhor e cuidando dos santos. Os que ocupam uma posição de liderança e guiam a assembleia levam sobre si o peso da assembleia nas questões administrativas. Por exemplo, poderia ser o caso de seis ou sete irmãos mais jovens desejarem algo, mas três ou quatro irmãos mais velhos e sérios pensarem o contrário. Já que o

juízo dos irmãos mais velhos deve ser respeitado, pois eles levam sobre si o peso moral na assembleia, o que o Senhor deseja é que os jovens se submetam a tal juízo, caso tenham uma opinião contrária. Eles devem se satisfazer em seguir a liderança espiritual de seus irmãos mais velhos.

* * * * *

RESUMINDO: A resposta breve a esta questão, de quando nem todos concordam numa assembleia, é que a assembleia não é uma democracia, e a unanimidade não é necessária para se tomar uma decisão em assembleia. Aqueles que lideram levam sobre si o peso da responsabilidade nas ações administrativas da assembleia. Eles são responsáveis por garantir que a assembleia siga caminhando de forma bíblica, quer todos concordem ou não com uma determinada decisão.

* * * * *

CAPÍTULO 8

PERGUNTA: O que fazer se uma assembleia tomar uma decisão injusta e errada?

Antes de tentarmos responder deveríamos ser muito cuidadosos em chamar de erradas ou malélicas certas decisões tomadas pela assembleia. Pode ser que os irmãos tenham agido sobre princípios bíblicos que nós desconhecamos. Neste caso, embora acreditemos que eles estejam errados, o erro na verdade será nosso.

Por outro lado é possível que as coisas tenham sido con-

duzidas de maneira errônea e a assembleia tenha tomado a decisão errada. Supondo que seja esta a premissa da pergunta, tentaremos respondê-la de acordo.

RESPOSTA: Se algo assim tiver ocorrido, quero dizer, se a assembleia tiver tomado uma decisão errada, sempre existe um recurso.

Primeiro, podemos levar o assunto em oração diretamente ao Senhor, a Ele que é a Cabeça da igreja. Ele pode exercitar as consciências dos que estão naquela localidade até fazer com que corrijam sua decisão.

Segundo, o Senhor pode levantar profetas na assembleia local ou enviá-los de outras assembleias para lançar luz à consciência daquela assembleia para que a decisão errada possa ser corrigida (2 Co 2:4; Ap 2:13; 2 Cr 24:19-22; Jz 9:5-21).

Terceiro, se aquela assembleia local se recusar a lidar com o seu erro, depois de isso ter sido mostrado a ela de forma conclusiva e em conformidade com a Palavra de Deus, aquela decisão pode ser repudiada por outra assembleia agindo em nome do corpo com um todo. Os irmãos da outra assembleia simplesmente fariam uma comunicação formal de que a assembleia que está incorrendo no erro já não está mais sobre o verdadeiro terreno da igreja de Deus. Esta responsabilidade é mostrada nas palavras do Senhor às sete igrejas na Ásia (Ap 2-3). Ele considerou “o anjo” (os líderes responsáveis) de cada assembleia responsável por todos os erros que foram permitidos ali. Mas cada mensagem termina com as palavras “*O que o Espírito diz às igrejas*” (plural). Isto demonstra que embora cada assembleia seja responsável em lidar com o mal em seu meio, existe uma responsabilidade corporativa da parte das outras assembleias no que diz respeito àquela questão, quando a assembleia local não trata o problema. O Senhor

não fala na passagem como isto deve ser feito, mas simplesmente mostra que existe uma responsabilidade corporativa da parte das outras assembleias.

Este princípio é magnificado ao consideramos a figura em Deuteronômio 13. Se o mal fosse encontrado em alguém numa cidade na terra, a cidade na qual a pessoa vivia deveria “*apedrejá-la*” até à morte (vers. 6-11). O apedrejamento nos fala da participação da consciência de todos em uma assembleia local que está engajada no julgamento de um ímpio em seu meio. Se fosse descoberto que uma cidade tinha em seu meio um mal não julgado, então as outras cidades na terra deviam agir para a glória de Deus e julgar aquela cidade. Ela devia ser destruída e transformada para sempre em uma pilha de entulho (vers. 12-18). Isto demonstra que existia uma responsabilidade coletiva da parte das cidades em Israel em eliminar o mal que havia na terra. Em figura isto nos fala da assembleia que é comprovadamente injusta sendo repudiada pelas outras assembleias que têm comunhão com ela, como se não mais estivesse reunida sobre o verdadeiro terreno da igreja.

Como já foi mencionado, a remoção de um candeeiro em uma localidade é algo que o Senhor não faz rapidamente. É só depois de muita insistência e de ter sido dado tempo para que se arrependessem que o Senhor irá levantar outra assembleia para repudiar aquela que está no erro. Deste modo, evidentemente, a decisão errada que a assembleia repudiada mantinha deixa de ter efeito. Enquanto isso, até que uma assembleia chegue ao ponto de agir para a glória de Deus em uma determinada questão (repudiando a assembleia envolvida), nosso papel é o de nos sujeitarmos à decisão e esperar em Deus. Mencionamos isto para demonstrar que existe um recurso contra o abuso de autoridade nas questões administrativas.

É importante notar que as Escrituras nunca nos instruem a tentarmos resolver individualmente nós mesmos as questões, ou a agirmos de forma independente quando uma decisão de assembleia nos parecer equivocada; algo assim seria o contrário de procurar *“guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz”* (Ef 4:3). A ação independente de indivíduos em questões coletivas como é uma decisão de assembleia sempre é condenada pelas Escrituras (Dt 17:12; Nm 15:30-31). Coisas assim só servem para abrir a porta para o inimigo dividir e espalhar o rebanho. Existe uma maneira divinamente indicada para lidar com este tipo de problema, e devemos segui-la a fim de manter a ordem.

Infelizmente muitos cristãos caem neste erro. Eles pensam que não podem se sujeitar a algo que acreditam ser injusto e incompatível com as Escrituras. Achem que estarão comprometendo uma boa consciência. Alguns irão até dizer: *“Eu devo obedecer primeiro ao Senhor, e não aos irmãos!”*. Mas isso é uma ilusão. Se o Senhor pode aguardar até que a decisão seja retificada, por que nós não podemos fazer o mesmo? Uma assembleia que cometa um erro em suas responsabilidades administrativas ainda tem o Senhor em seu meio até que ela seja formalmente repudiada. J. N. Darby disse: *“Por que falar de obedecer primeiro ao Senhor e depois à igreja? Como fazer isso supondo que o Senhor esteja na igreja? Trata-se meramente de estabelecer um julgamento privativo em oposição ao julgamento da assembleia reunida ao nome de Cristo conforme a Sua promessa (se não for o caso de uma assembleia congregada ao nome de Cristo, então nada tenho a dizer). Isso nada mais é do que dizer, ‘Sozinho eu me considero mais sábio do que os que estão congregados’. Eu rejeito completamente a ideia de obedecer primeiro a Cristo e depois à igreja por ser algo totalmente sem fundamento bíblico”*. Falando do mesmo

assunto, ele declarou: *“Portanto, a questão toda não passa de um mero sofisma que denuncia o desejo de dar livre expressão à vontade própria, com base na confiança de que o julgamento feito por uma pessoa seja superior a tudo o que já tenha sido julgado”*.

É importante entender que a assembleia foi investida da autoridade do Senhor para agir em Seu Nome durante a Sua ausência, e devemos nos submeter às suas ações como sendo a autoridade final. Em Mateus 18:18-20, ao tratar de certa questão, o Senhor disse: *“Dizei-o à igreja”*. Então ele passou a falar da autoridade da igreja para agir em Seu nome, ao dizer: *“Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu”*. Um exemplo desse *ligar* é encontrado em 1 Coríntios 5:11-13; um exemplo do desligar aparece em 2 Coríntios 2:6-10. [N. do T.: O ‘ligar’ e ‘desligar’ tem o sentido de tomar uma decisão e depois revogá-la; não é meramente no sentido de ‘ligar’ ou ‘desligar’ alguém da comunhão]

Todavia, o fato de ter sido dado à assembleia autoridade para agir para a glória de Deus não significa que suas ações sejam infalíveis. J. N. Darby escreveu um artigo muito proveitoso neste sentido, com o título de *“Confounding Authority With Infallibility”* (“Confundindo Autoridade com Infalibilidade”). Ali ele demonstra que é possível que uma assembleia ligue algo que esteja errado, e mesmo assim aquilo será ligado no céu -- ao menos até a ação poder ser retificada. Muitos ficam confusos com isto. Não conseguem entender como uma decisão errada poderia ser ‘ligada no céu’. Todavia o fato de ela ter sido ‘ligada no céu’ não significa necessariamente que ela tenha sido *aprovada* pelo céu. Significa simplesmente que o céu *reconhece* a decisão. O céu pode não estar contente com a decisão tomada pela assembleia, mas a endossa. A

assembleia foi revestida da autoridade do Senhor para agir por Ele em Sua ausência de forma representativa; trata-se de uma extensão de Sua autoridade na terra. Ainda que seja possível uma assembleia usar erroneamente da autoridade do Senhor, mesmo assim a autoridade continua sendo dEle.

Podemos entender melhor este princípio em uma família. No artigo de Darby, "*Confundindo Autoridade com Infalibilidade*", ele menciona o fato de, na família, os pais terem recebido de Deus autoridade, e mesmo assim não serem infalíveis. Todos na família devem se sujeitar àquela autoridade. Um pai pode disciplinar um filho por engano, mas ainda assim sua autoridade é válida e o dever de todos na família é se submeterem. É assim que é mantida a ordem em um lar. Quando ficasse claro que o pai cometera um erro, o normal seria ele reconhecer seu erro pedindo humildemente desculpas e fazendo as correções necessárias. O mesmo ocorre com um policial: ele possui autoridade para prender alguém, mas já que o policial não é infalível, é possível que ele venha a cometer erros. Porém sua ação continua a ter validade e a pessoa presa não tem alternativa senão aceitá-la, até que se prove que a ação foi errada. Se as autoridades civis não fossem assim, não haveria qualquer ordem no governo e estaríamos vivendo em um estado de anarquia. Darby também escreveu: "*Em uma centena de situações a obediência pode ser obrigatória apesar de não haver infalibilidade. Caso contrário, como você pode facilmente constatar, não haveria qualquer ordem no mundo... Se não existisse obediência em casos em que não há infalibilidade e se não houvesse qualquer submissão ao que foi decidido, a vontade própria não teria fim e seria impossível existir uma ordem*". De um modo similar, as decisões em assembleia podem não agradar o céu por ela ter cometido um erro ao ligar, mas mesmo assim o céu en-

dossa sua decisão pelo tempo que for necessário. É assim que a ordem é mantida na casa de Deus.

Deveríamos ter uma atitude solene ao pensarmos na possibilidade de usarmos da autoridade do Senhor de forma errada e inadvertidamente identificarmos o céu com algo que não esteja correto, incorrendo assim no juízo governamental do Senhor. Esta é a verdadeira razão pela qual o Senhor deixou de estar associado com a massa da profissão cristã e adotou um testemunho remanescente. E se aqueles identificados com tal testemunho remanescente seguirem numa condição lamentável e comprometendo sua responsabilidade, Ele pesará Sua mão sobre eles em juízo governamental e reduzirá o seu número, peneirando e espalhando alguns para que os que ficarem se humilhem. É triste dizer, mas isto tem acontecido.

W. Potter escreveu um breve texto sobre as ações da assembleia em ligar e desligar, no qual ele diz que a expressão “*qualquer coisa*” em Mateus 18:19 é qualquer coisa mesmo, sem qualquer condição. A assembleia pode tomar uma decisão de ligar ou não, conforme achar ser ou não necessário fazê-lo para a glória do Senhor. Alguns acham que isto está mais para o papado e que daria à assembleia uma autoridade inquestionável. Estes argumentarão que se “*qualquer coisa*” for incondicional, então a assembleia poderia ligar *qualquer coisa* ao seu bel prazer, e isso seria automaticamente ligado no céu. Eles acham que isso faria o céu ficar à mercê das ações da igreja na terra, e caso a assembleia cometesse um erro, o céu estaria tendo comunhão com o erro. Todavia, tal ideia não tem fundamento. Já demonstramos que o Senhor continua no meio de uma assembleia em erro e que tenha o mal em seu meio, até que isso seja retificado ou ela seja formalmente repudiada.

É triste que muitos tenham sido enganados por tal ideia

equivocada de que a menos que uma decisão de assembleia tenha o selo da Palavra de Deus, tal decisão não será ratificada no céu e não terá o poder de sujeitar ninguém a ela na terra. Em outras palavras, a decisão só seria uma decisão de *ligar* quando fosse uma decisão correta. O que essas pessoas estão realmente dizendo, ainda que não percebam, é que **todas** as decisões corretas da assembleia seriam infalíveis. Ao agir administrativamente para tomar uma decisão de ligar, a assembleia nunca estaria errada! Os próprios que acusam os irmãos de papismo são aqueles que apoiam a infalibilidade. O artigo de J. N. Darby demonstra que esta ideia equivocada confunde autoridade com infalibilidade.

À primeira vista parece lógico, segundo este argumento, não se sujeitar a uma decisão injusta, mas por detrás desta ideia está a tentativa do inimigo de introduzir confusão na assembleia e minar sua autoridade e suas decisões. Tudo o que alguém precisaria fazer seria declarar que uma decisão da assembleia seria injusta e concluir que, por conseguinte, o céu não a ligaria. E se o céu não a aceitasse, então as pessoas deveriam igualmente rejeitá-la. Esta é uma forma bem conveniente de se colocar de lado as decisões da assembleia que não nos agradem. Se as ações administrativas da assembleia só exigissem sujeição com a condição de serem decisões justas, então toda a ordem estaria comprometida. Esta ideia errônea coloca os julgamentos da assembleia sob nosso próprio julgamento individual. Se assim fosse, a assembleia deixaria de ser a mais elevada corte de autoridade nestas questões, passando a posição para o nosso próprio julgamento individual! O resultado é que todos ficariam à mercê do que parecesse reto “*aos seus olhos*” (Juízes 21:25). Todavia, J. N. Darby escreveu que “*a um julgamento feito por uma assembleia, mesmo que considerado errôneo, devo em princípio aceitá-lo e me sujeitar a ele*”.

Em um esforço para negar a força do “*tudo*” de Mateus 18:18 alguns erroneamente decidiram que o versículo 19 refere-se a uma reunião de oração. O raciocínio é que, se a as orações da assembleia estão sujeitas à qualificação do céu (pois Deus apenas atende nossas orações quando elas estiverem em conformidade com a Sua vontade), então o “*tudo*” que a assembleia ligasse deveria estar sujeito à aprovação do céu. É um raciocínio sagaz, mas que tira o versículo 19 de seu contexto. A passagem não está se referindo a uma reunião de oração, mas àqueles congregados ao nome do Senhor, reunidos como tais para agirem em suas responsabilidades administrativas ao tomarem decisões que têm o efeito de ligar. Trata-se de uma reunião para disciplina. Em 1 Coríntios 5:4-5 Paulo fala do mesmo tipo de reunião. Se em Mateus 18:19 o Senhor estivesse se referindo à reunião de oração, então Ele teria mudado de assunto bem no meio de Sua dissertação sobre as ações administrativas da assembleia. Depois Ele teria voltado ao assunto anterior que tem a ver com a presença do Senhor no meio da assembleia, e de seus santos terem de exercitar um espírito de perdão para com um irmão arrependido depois de haver pecado (vers. 20-35). Não faria qualquer sentido. O propósito dos versículos 19 ao 20 é que a assembleia se reúne com o Senhor no meio para invocar a Deus para ratificar sua decisão de ligar. A promessa é clara: “*Isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus*”. (O versículo 20 pode até ser lido no partir do pão, mas ele apenas estabelece o fato de que o Senhor está no meio dos Seus santos quando congregados em assembleia).

Para aqueles que questionam se “*tudo*” significa *qualquer coisa* que a assembleia possa julgar, indicamos a leitura de 2 Coríntios 2:10. Ali vemos que quando se trata de desfazer uma ação de ligar Paulo diz: “*E a quem perdoardes alguma coisa...*”. Se eles são vistos ali perdoados

“alguma coisa” é porque devem necessariamente ter ligado “tudo”. Isto não deveria ser difícil de compreender para alguém com disposição para tal, mas é aí que está a questão. Será que realmente desejamos saber a vontade do Senhor? Às vezes as pessoas fazem tanto barulho por considerarem que a assembleia *talvez* tenha tomado a decisão errada, que fica difícil entender aonde querem chegar. Mas, sinceramente, quando acontece de uma assembleia tomar uma decisão errada? Raramente. Potter dizia que nos 50 anos em que ele esteve congregado com os irmãos nunca soube de alguma decisão da assembleia à qual ele não pudesse se submeter.

Para alguns a solução seria existir outra etapa em que a assembleia faria uma revisão da decisão original tomada pela mesma assembleia. C. D. Maynard disse que *“uma assembleia, quando congregada ao Nome de Cristo, tem a Ele em seu meio, e possui a Sua autoridade para agir em ligar ou desligar os pecados de um irmão culpado (Mt 18:18-20). Tal decisão é ratificada nos céus. Dessa decisão não há apelação, a não ser a Cristo na glória, já que o próprio Jesus ‘entregava-se àquele que julga justamente’ (1 Pe 2:23)... Alguns poderiam dizer que se uma assembleia local julgasse supostamente de forma errada, existiria a possibilidade de se apelar para outra assembleia local, por exemplo, para restaurar alguém colocado injustamente fora de comunhão. Para tal ideia existe tanto fundamento bíblico quanto para qualquer corrupção introduzida pelo romanismo. O que tal ideia realmente faz é negar a unidade prática das duas reuniões. O mero pensar nisto já significa rejeitar que exista um corpo e um Espírito. Se a mesa do Senhor é uma, as duas reuniões estão ligadas quando uma delas toma uma decisão, portanto não há como apelar. Se elas pudessem revisar o julgamento uma da outra a unidade do Espírito não existiria ali e elas nada mais seriam que*

reuniões independentes”. A falta de entendimento deste importante princípio em questões envolvendo a assembleia está por detrás de muitas das tristes divisões que ocorreram entre os congregados ao Nome do Senhor ao longo dos anos. Portanto, faremos bem se ponderarmos estas coisas cuidadosamente.

Outra ideia errônea de alguns é que se a assembleia tomar uma decisão errada ela perderá o terreno que ocupa como congregada ao nome do Senhor, e já não estará em terreno divino. Isto é um erro ultrajante. Mais uma vez tal ideia demonstra a ignorância que existe ao se confundir autoridade com infalibilidade. O fato de uma assembleia ser investida de autoridade, e não de infalibilidade, significa que ela tem a possibilidade de cometer um erro. Ao cometer um erro, a assembleia não perde seu *status* de estar bíblicamente congregada, do mesmo modo como os pais em uma família não deixam de ser pais por terem cometido um erro ao disciplinar um filho.

Um exemplo deste equívoco é o que aconteceu em Tunbridge Wells em 1908-1909. Muitos achavam que as ações que a assembleia havia tomado, primeiro de silenciar (1903), e mais tarde de excluir da comunhão C. Strange (1908) tinham sido injustas. Acreditando que as decisões de Tunbridge Wells tivessem sido injustas e sem fundamento bíblico, algumas pessoas acharam que a assembleia teria perdido seu *status* de uma assembleia verdadeiramente congregada ao Nome do Senhor. Como consequência, muitos não quiseram se submeter às decisões de sua assembleia. W. R. Dronsfield propôs esta ideia errônea na página 33 de seu livro *“The Brethren Since 1870”* (*“Os Irmãos desde 1870”*), dizendo que *“se dois ou três estiverem verdadeiramente congregados ao Nome do Senhor, qualquer decisão que vierem a tomar deve estar adequada para os céus a reconhecerem como*

tal. Todavia o inverso é também verdade, ou seja, que se aqueles congregados chegarem a uma decisão inválida e injusta, não poderão estar congregados ao Nome do Senhor". Esta ideia equivocada levou a uma triste divisão entre os irmãos.

* * * * *

RESUMINDO: Se acharmos que a assembleia cometeu um erro ao ligar uma decisão:

- Primeiro, precisamos ter certeza de termos entendido os princípios envolvidos. Pode ser que estejamos mal informados e ignoremos alguns princípios bíblicos. Se mesmo assim tiver sido uma decisão errada, devemos apresentá-la ao Senhor, a Cabeça da igreja, em oração.
- Segundo, devemos expressar nossas convicções -- baseadas nas Escrituras -- aos irmãos e esperar que eles sejam exercitados a respeito.
- Terceiro, devemos esperar no Senhor para que Ele possa intervir e fazer a correção. Podemos descansar na certeza de que Ele *irá intervir*, em Seu próprio tempo e da Sua própria maneira; a fé irá esperar nEle. Se for um erro sério pode ser que o Senhor venha a guiar outra assembleia para repudiar formalmente aquela assembleia que alega estar sobre terreno divino.

Enquanto isso, não devemos tomar o assunto em nossas próprias mãos e começar a fazer campanha entre os santos para boicotarem a decisão. É possível lutarmos pela causa correta, porém da maneira errada, o que só gera confusão. É comum os que agem na carne em questões de assembleia acabarem machucados -- mesmo que estejam lutando pelo que é certo! O Senhor disse: *"Embainha a tua espada; porque todos os que lançarem mão da es-*

pada, à espada morrerão” (Mt 26:52).

* * * * *

CAPÍTULO 9

PERGUNTA: *Por que no século 19 os irmãos recebiam todos os cristãos para partirem o pão, mas os irmãos de hoje não fazem o mesmo? A impressão que dá é que se desviaram da verdade e se tornaram sectários.*

RESPOSTA: Creio que é importante entender um pouco da história dos “*Irmãos*”. A restauração da verdade que ocorreu no século 19 não aconteceu em questão de dias ou meses, mas levou anos. Os primeiros irmãos que se congregavam simplesmente para partir o pão ainda não tinham considerado a necessidade da recepção de alguém à mesa do Senhor, por isso não existiam ainda princípios neste sentido. Foi só quando ocorreu o problema de Bethesda (a divisão dos “*Irmãos Abertos*” em 1845-48) que entenderam que seria preciso tomar cuidado ao receberem pessoas em comunhão, em especial aquelas que viessem do grupo divergente. Portanto, é um erro tentar se apoiar na prática dos irmãos naqueles primeiros dias como modelo para o funcionamento da assembleia hoje.

Para alguns, congregar *sobre o fundamento* do “*um só corpo*” (Ef 4:3), como professamos fazer, significa que deveríamos receber todos os membros do corpo de Cristo. Para esses, recusar a comunhão com qualquer verdadeiro crente seria negar a posição que assumimos. Em um mundo perfeito poderíamos receber todos os verdadeiros crentes, mas como já foi mencionado vivemos hoje

nos derradeiros dias do testemunho da igreja na terra, e a ruína é grande. Muitos crentes estão vivendo em erro doutrinário ou pecado moral, e as Escrituras nos dizem que essas pessoas não devem ser recebidas. Não receber tais pessoas em obediência às Escrituras não é negar a verdade do um só corpo.

O principal pensamento relacionado ao “*um só corpo*” é a *unidade*. Efésios 4:3-4 diz: “*Procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Há um só corpo*”. Guardar a unidade do corpo é trabalho e responsabilidade de Deus, mas guardar a unidade do Espírito é nossa responsabilidade. O Senhor queria que expressássemos esta unidade que existe no corpo na forma em que congregamos com os irmãos para adoração e ministério. Isto nós fazemos no partir do pão, quando partimos um só pão, e nos assuntos relacionados à comunhão e disciplina na assembleia. Em suma, onde quer que existirem pessoas na face da terra congregadas nesse terreno, elas agirão juntas administrativamente e nas questões relacionadas a todos os aspectos da comunhão. Portanto, quando dizemos que estamos congregados “*no terreno*” do um só corpo, queremos dizer que procuramos expressar na prática esta unidade que já existe. Não significa que iremos automaticamente receber todos os crentes independente de como eles estejam andando. Congregar *sobre o terreno do um só corpo* não é a mesma coisa que congregar *com* todos os membros do um só corpo. Talvez fique mais claro se dissermos que estamos congregados sobre o *princípio* da unidade do corpo.

Deve existir cuidado na recepção

O cuidado para a glória do Senhor, no que diz respeito a quem introduzimos na comunhão, é algo quase inexistente hoje na cristandade. Todavia, a Bíblia ensina que a as-

sembleia deve ser cuidadosa em não receber à comunhão alguém que talvez esteja envolvido com o mal, seja um mal moral, doutrinal ou eclesiástico. O princípio é simples. Se uma assembleia local é responsável por julgar o mal em seu meio, excomungando os malfeitores (1 Co 5:12), então naturalmente se entende que ela deve ser cuidadosa com o quê ou quem traz para o seu meio.

Alguém disse corretamente que a assembleia local não deve ter uma comunhão aberta, e nem deve ter uma comunhão fechada, mas uma comunhão *protegida*. A assembleia deve receber à mesa do Senhor todo membro do corpo de Cristo que não tenha impedimento de acordo com a disciplina bíblica. Embora todo cristão tenha o *direito* de estar à mesa do Senhor, nem todo cristão tem o *privilégio* de estar ali, pois alguém pode ser privado desse privilégio por seu envolvimento com algum tipo de mal.

Quem decide quem deveria estar em comunhão?

É importante entender que os irmãos na assembleia local *não decidem* o que é adequado à mesa do Senhor e o que não é. Isto é algo que compete à Palavra de Deus. A razão é que a mesa não é dos irmãos, a mesa é do Senhor (1 Co 10:21). As preferências e gostos pessoais dos que fazem parte da assembleia não têm nada a ver com a recepção. A decisão vem totalmente da Palavra de Deus. Quando não existir um motivo bíblico para recusar a alguém a comunhão à mesa do Senhor, tal pessoa deve ser recebida. Se um crente já tiver sido batizado, for são na fé e piedoso em seu andar, não existe motivo para ser rejeitado. O nível de conhecimento das Escrituras não é um critério neste sentido. Ainda que seja um crente limitado em seu conhecimento, as Escrituras dizem: *“Ora, quanto ao que está enfermo na fé, recebei-o, não em contendas sobre*

dúvidas” (Rm 14:1).

Todavia, nem sempre se pode determinar de imediato se alguém é são na fé e piedoso em seu andar. Quanto maior a confusão no lugar de onde a pessoa tiver saído em meio ao testemunho cristão, maior a dificuldade de se tomar uma decisão. Se for este o caso, então agir com sabedoria pode significar pedir à pessoa que tem o desejo de estar em comunhão que aguarde. Isto *não significa* que a assembleia esteja afirmando que tal pessoa tenha alguma associação com o mal. Poderia até ser o caso, porém os irmãos podem estar indecisos quanto a isso e por esta razão devem esperar até que estejam convencidos de não ser este o caso, uma vez que são eles os responsáveis diante de Deus pelas pessoas que recebem em comunhão. As Escrituras ensinam: “*A ninguém imponhas precipitadamente as mãos, nem participes dos pecados alheios*” (1 Tm 5:22). Este versículo fala da comunhão pessoal com alguém individualmente, mas o princípio é amplo o suficiente para guiar os santos na comunhão coletiva à mesa do Senhor. Alguém maduro e piedoso não se sentirá ofendido com isso, pois certamente nenhum cristão piedoso iria querer que a assembleia violasse um princípio bíblico. Na verdade, todo esse cuidado deveria dar a ele a confiança de estar entrando em uma comunhão de cristãos onde existe a preocupação com a glória do Senhor e a pureza da assembleia.

Os testemunhos pessoais não seriam suficientes?

Outro importante princípio relacionado a este assunto e que precisa ser compreendido é que a assembleia, biblicamente falando, não faz coisa alguma baseada no que diz apenas uma testemunha. Tudo o que se refere à as-

sembleia deve ser feito de acordo com este princípio: *“Por boca de duas ou três testemunhas será confirmada toda a palavra”* (2 Co 13:1). Confira também o que diz em João 8:17 e Deuteronômio 19:15. Por esta razão a assembleia não deve receber pessoas com base em seu próprio testemunho. As pessoas naturalmente costumam dar um bom testemunho de si mesmas, como as próprias Escrituras afirmam: *“Todos os caminhos do homem são puros aos seus olhos”* (Pv 16:2). E também: *“Quem fala de si mesmo busca a sua própria glória”* (Jo 7:18). Por isso pode ser preciso pedir a uma pessoa que deseja entrar em comunhão que aguarde. Assim que os irmãos na assembleia local conheçam melhor a pessoa que deseja estar em comunhão, ela poderá ser recebida com base no testemunho desses.

Este é um princípio que encontramos em todas as Escrituras. Até mesmo o Senhor Jesus Cristo, o Senhor da Glória, sujeitou-Se a este princípio quando Se apresentou a Israel como seu Messias. Ele disse; *“Se eu testifico de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro [válido]”* (Jo 5:31). Em seguida ele continuou apresentando quatro outros testemunhos que comprovavam quem Ele era: João Batista, Suas obras, Seu Pai e as Escrituras (Jo 5:32-39). Apesar dos vários testemunhos que testificavam dele como sendo o Messias, o Senhor advertiu os judeus de que chegaria um tempo quando eles, como nação, receberiam um falso messias (o Anticristo) sem testemunhas. Ele disse: *“Se outro vier em seu próprio nome, a esse aceitareis”* (Jo 5:43). Assim o Senhor reprovou a prática de se receber alguém com base em seu próprio testemunho.

Atos 9:26-29 nos dá um exemplo do cuidado que a igreja no princípio tinha ao receber alguém à comunhão. Quando Saulo de Tarso foi salvo ele quis entrar em comunhão

com os santos em Jerusalém, porém foi rejeitado. Apesar de tudo o que ele dissera aos irmãos em Jerusalém sobre sua vida pessoal ser verdade, ele não foi recebido com base em seu próprio testemunho. Foi só quando Barnabé levou Saulo consigo e o apresentou aos irmãos, testificando de sua fé e caráter, de modo que então já era o testemunho de duas pessoas, que os irmãos o receberam. Daquele momento em diante Saulo *“andava com eles em Jerusalém, entrando e saindo”* (At 9:28).

Colocando a profissão de fé da pessoa à prova

Outro princípio para se receber alguém é que existe a necessidade de se colocar à prova a profissão de fé da pessoa. Se alguém diz ser cristão, é preciso que prove isso deixando de lado todo pecado conhecido. Em 2 Timóteo 2:19 diz que *“qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade”*. Veja também Apocalipse 2:2 e 1 João 4:1. Se essa pessoa não apartar-se da iniquidade, seu modo de agir não condiz com sua profissão de fé. Isto é ainda mais importante em uma época de ruína e abandono do testemunho cristão, quando o que não falta são doutrinas e práticas perniciosas de todos os tipos. Um exemplo disso pode ser visto em figura em 1 Crônicas 12:16-18. Naquele tempo Davi era o rei rejeitado de Israel, e à medida que pessoas de várias tribos de Israel entendiam o erro que tinha sido rejeitá-lo, elas iam a ele e o reconheciam como o verdadeiro rei de Israel. Quando os da tribo de Benjamim (a tribo do rei Saul) foram a Davi, ele colocou a profissão de fé deles à prova. Ao ficar comprovado que sua confissão era genuína, e eles demonstraram verdadeiramente estar ao lado de Davi, a Palavra de Deus nos diz que *“Davi os recebeu”*.

Se uma pessoa professa má doutrina, está claro que a assembleia não deve recebê-la, pois se o fizer ficará em co-

munhão com o mal que ela traz em seu ensino. (Compare 2 Jo 9-11 e Rm 16:17-18). Não falamos aqui das diferenças de opinião que as pessoas possam ter a respeito de assuntos como o batismo, por exemplo, mas de coisas que digam respeito aos fundamentos da fé cristã. As Escrituras dizem: *“Ora, o Deus de paciência e consolação vos conceda o mesmo sentimento uns para com os outros, segundo Cristo Jesus. Para que concordes, a uma boca, glorifiqueis ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto recebei-vos uns aos outros, como também Cristo nos recebeu para glória de Deus”* (Rm 15:5-7). Se alguém que professasse má doutrina fosse recebido, como se poderia dizer que a assembleia estaria concorde e *“a uma boca”* glorificando a Deus? Os irmãos na assembleia estariam dizendo uma coisa e essa pessoa dizendo outra. O resultado seria confusão. Paulo disse aos Coríntios: *“Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa, e que não haja entre vós dissensões; antes sejais unidos em um mesmo pensamento e em um mesmo parecer”* (1 Co 1:10).

Quando a questão envolve pecado eclesiástico, é preciso paciência e discernimento para identificar isso em alguém. Existe uma diferença entre alguém estar associado ao erro clerical por ignorância e uma pessoa ativamente envolvida e promovendo tal erro. Um crente que talvez ignore a ordem bíblica para a adoração e o ministério cristão pode querer partir o pão à mesa do Senhor vindo de uma denominação criada por homens e onde seja adotada uma ordem clerical. Ainda que essa pessoa esteja associada ao erro eclesiástico, ela não está envolvida com o mal eclesiástico. E se tal pessoa for conhecida por sua piedade no andar e professar sã doutrina, não deveria haver impedimento para que ela partisse o pão, mesmo que não tenha se desligado formalmente de sua associa-

ção com aquela denominação.

A questão é: quando uma associação inconsciente com o erro eclesiástico se torna mal eclesiástico? Cremos que a resposta é simplesmente quando a vontade da pessoa está envolvida nisso. Para detectar essa vontade é preciso que a assembleia tenha um discernimento sacerdotal. Em casos assim a assembleia precisa depender muito do Senhor para conhecer a opinião que Ele tem a respeito do assunto. Em condições normais os irmãos deveriam permitir que essa pessoa partisse o pão, esperando e confiando que Deus estaria trabalhando em seu coração e que ela iria abandonar o lugar de onde veio após ter participado da ceia do Senhor, continuando a partir daí congregada com aqueles reunidos ao nome do Senhor.

Isto é ilustrado em figura em 2 Crônicas 30-31. Ezequias permitiu que o povo de Judá, e também alguns das dez tribos separadas, participassem da Páscoa e adorassem ao Senhor no divino centro em Jerusalém. Depois de fazerem isso, eles voltaram para casa e destruíram seus ídolos e imagens. (Não estamos insinuando que as denominações criadas pelos homens sejam condescendentes com a idolatria; estamos falando apenas do princípio encontrado ali). O que é interessante notar neste caso é que Ezequias não lhes falou para agirem assim! Aquilo foi uma resposta vinda de seus corações pelo simples fato de terem estado na presença do Senhor em Jerusalém. Todavia, se alguém deseja continuar indo a ambos os lugares regularmente, isto não deveria ser aceito. Como assinalou J. N. Darby, uma pessoa assim não estaria sendo honesta com nenhuma das partes. Ele também afirmou que a degradação e a corrupção aumentam cada vez mais no testemunho cristão, ficando cada vez mais difícil colocar em prática este princípio. À medida que os dias se tornarem mais sombrios será necessário um discerni-

mento cada vez maior. Atualmente algo assim só tem acontecido esporadicamente.

Outra figura do Antigo Testamento ilustra o cuidado no recebimento à comunhão. Quando a cidade de Jerusalém, o centro divino neste mundo onde o Senhor havia colocado o Seu Nome, foi reconstruída nos dias de Neemias, havia um grande perigo representado pelos inimigos em redor. Consequentemente, eles não abriam os portões para permitir que as pessoas entrassem na cidade “*até que o sol aqueça*” [literalmente ‘*ao meio-dia*’] (Ne 7:1-3). Eles se certificavam de não existir qualquer vestígio de sombras em redor antes de permitir que as pessoas entrassem na cidade. Até que chegasse aquela hora, eles faziam com que as pessoas que desejassem entrar na cidade aguardassem. À medida que a escuridão na cristandade aumenta nestes últimos dias é preciso tomar este tipo de cuidado na recepção de pessoas à comunhão. Você encontra o mesmo princípio em 1 Crônicas 9:17-27 (“*os porteiros*”).

Tiago 2:1-4 não é um modelo para a igreja

Aqueles que insistem numa recepção aberta na assembleia gostam de apontar para Tiago 2:1-4 como prova de que a igreja primitiva não fazia qualquer escrutínio na recepção, como os irmãos hoje fazem. A conclusão deles é que tal prática não estaria em conformidade com as Escrituras. A passagem de Tiago diz:

“Meus irmãos, não tendes a fé de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em acepção de pessoas. Porque, se no vosso ajuntamento entrar algum homem com anel de ouro no dedo, com trajes preciosos, e entrar também algum pobre com sórdido traje, e atentardes para o que traz o traje precioso, e lhe disserdes: Assen-

ta-te tu aqui num lugar de honra, e disserdes ao pobre: Tu, fica aí em pé, ou assenta-te abaixo do meu estrado, porventura não fizestes distinção entre vós mesmos, e não vos fizestes juizes de maus pensamentos?” (Tg 2:1-4).

Este é o clássico exemplo de se raciocinar a partir de uma premissa e interpretação falsas de uma passagem das Escrituras. Tiago não está falando da assembleia cristã, mas de uma sinagoga judaica! A palavra “*ajuntamento*” ou “*reunião*” no versículo 2, dependendo da versão da Bíblia, deveria ser traduzida corretamente como “*sinagoga*” (como aparece nas versões Almeida Revista e Atualizada e em inglês na versão de J. N. Darby). Estes versículos nada têm a ver com a prática da assembleia. A passagem está se referindo a um homem rico e outro pobre que visitam a sinagoga. Não existe aí qualquer menção de que eles sequer fossem crentes! Certamente ninguém iria defender a ideia de que incrédulos deveriam ser recebidos à mesa do Senhor.

O assunto do qual Tiago está falando é o modo como devemos tratar as pessoas, independente de estarem elas salvas ou perdidas. O fato de ele mencionar crentes frequentando a sinagoga judaica demonstra que naqueles primeiros dias os convertidos do judaísmo ainda não tinham se afastado do sistema judaico (Atos 21:20). Sendo eles cristãos judeus, ainda não estavam firmados na completa luz do cristianismo do modo como ela seria revelada depois através do ministério de Paulo. A epístola aos Hebreus ainda não tinha sido escrita, a qual ensina que os cristãos devem se separar do judaísmo (Hb 13:9-14). A verdade é que até ali nenhuma das outras epístolas do Novo Testamento havia ainda sido escrita.

Ao contrário do que alguns possam afirmar, a igreja primitiva era cuidadosa na recepção de pessoas à comu-

nhão. Isto é visto no modo como eles lidaram com Saulo de Tarso (At 9:26-28). Apolo, por sua vez, precisou de uma carta de recomendação ao viajar para a Acaia (At 18:27-28). Isto demonstra que ele não teria sido recebido sem uma carta. Febe também precisou de uma carta semelhante ao viajar para Roma (Rm 16:1-2). Veja 1 Timóteo 5:22: “*A ninguém imponhas precipitadamente as mãos*”. Além do mais, Paulo disse a Timóteo que este andasse “*com os que, de coração puro, invocam o Senhor*” (2 Tm 2:22). Como alguém poderia discernir isto em alguém sem passar um tempo para conhecer a pessoa? Se a assembleia é responsável em tirar o mal de seu meio (1 Co 5), obviamente ela deve ser cuidadosa a respeito do quê ou de quem traz para seu meio. Portanto existe a necessidade de cuidado na recepção de pessoas à comunidade.

* * * * *

RESUMINDO: A verdade estava em processo de ser redescoberta nos primeiros dias da história dos “*Irmãos*”. No início J. N. Darby e os que congregavam com ele tiveram, por assim dizer, um olho aberto para a verdade. Houve então um desenvolvimento no entendimento e isto pode ser percebido em seus escritos. Mais tarde ele escreveria a W. Kelly, que estava compilando seus textos, lembrando-lhe do cuidado que precisava ter naquela tarefa. Ele escreveu: “*Entendo que algumas anotações exigem revisão, mas não me oponho a que sejam publicadas como anotações se isto for útil. Até mesmo meus sermões contêm coisas que eu hoje não aceitaria. Algumas das publicações mais antigas precisariam ter recebido uma ou duas observações quando passei a ter mais luz sobre o assunto, mas é melhor não alterá-las*”.

Um dos assuntos sobre os quais eles receberam “mais

luz” foi o da recepção à mesa do Senhor. O problema ocorrido em Bethesda foi o que os levou a isso. Daí em diante eles passaram a ser mais cuidadosos ao receberem pessoas à comunhão. Portanto, não é válido apontar para a prática adotada pelos irmãos nos primeiros dias como um modelo para a assembleia hoje.

* * * * *

CAPÍTULO 10

PERGUNTA: Vale a pena estar congregado ao nome do Senhor?

RESPOSTA: Às vezes podemos nos perder no lamaçal da busca pela verdade em relação à questão de estar congregado ao nome do Senhor, e acabarmos indagando se realmente vale a pena tudo isso. Podemos ser tentados a jogar tudo para o alto em frustração e dizer: “Afinal, que importância há?” Entendemos que possa ser frustrante, mas existe uma boa resposta para isso. Devo ao irmão David Graham o favor de ter dado a resposta a esta questão. Ele disse que a resposta é, na verdade, tripla:

- *Primeiro*, Deus quis que existisse um testemunho para o nome de Cristo neste mundo. A vontade de Deus era que os cristãos estivessem congregados para a adoração e o ministério em redor da Pessoa de Seu Filho.
- *Segundo*, o Senhor Jesus tem prazer em ver os Seus congregados em torno de Si para desfrutar da companhia deles. O Salmo 50:5 indica isto na forma de princípio, ainda que esteja se referindo aos crentes judeus em um dia futuro. Ali diz: “*Congregai os meus santos, os que comigo fizeram aliança*”.

- *Terceiro*, o Senhor quer que o Seu povo tenha o prazer todo especial de estar onde Ele está no meio, pois é um privilégio estar ali. Ao experimentarmos isto diremos, como Pedro: “*Senhor, bom é estarmos aqui*” (Mt 17:4).

Estas coisas deveriam ser suficientes para que desejássemos buscar o lugar que Ele escolheu e sermos encontrados ali em Sua presença. É esta a vontade de Deus.

* * * * *

Bruce Anstey
Novembro de 2009
Christian Truth Publishing
12048 – 59th Ave.
Surrey, BC V3X 3L3
CANADA